



INSTITUTO FEDERAL
Paraíba

CAMINHOS PARA O ENSINO:
Língua portuguesa como 2ª língua para pessoas surdas

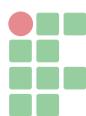
Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas



 editora **IFPB**

EAD
Ensino a Distância



INSTITUTO FEDERAL
Paraíba

CAMINHOS PARA O ENSINO:
Língua portuguesa como 2ª língua para pessoas surdas

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas



 editora **IFPB**

EAD
Ensino a Distância

Prof. Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

Fundamentos da Educação a Distância



GOVERNO FEDERAL

Luis Inácio Lula da Silva PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Camilo Santana MINISTRO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA - IFPB

Mary Roberta Meira Marinho REITORA

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Ademar Gonçalves da Costa Junior DIRETOR EXECUTIVO DA EDITORA IFPB

Francisco de Assis Rodrigues de Lima DIRETOR DA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ricardo José Ferreira DIRETOR GERAL – CAMPUS JOÃO PESSOA

Josali do Amaral COORDENADORA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CAMPUS JOÃO PESSOA

Marta Célia Feitosa Bezerra COORDENADORA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDOS

Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro COORDENADORA SUBSTITUTA

EQUIPE TÉCNICA

Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro COORDENADORA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DO CURSO

Raoni Xavier PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÃO E CAPA

Rafael Xavier Leal PROJETO GRÁFICO

Demétrius Oliveira Gomes DIAGRAMAÇÃO

Erick de Moura Urbano PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Joseli Maria da Silva REVISÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

Ficha catalográfica elaborada na Editora IFPB por Valmira Perucchi CRB/15 - 240

S462f	Seixas, Monica Maria Firmino Pereira Fundamentos da educação a distância / Monica Maria Firmino Pereira Seixas – João Pessoa: Editora IFPB, 2024. v. 2. 108 p.: il. Color. (Coleção: Caminhos para o ensino: Língua Portuguesa como 2ª língua para pessoas surdas. Organizadoras: Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro e Marta Célia Feitosa Bezerra. 11 v.) ISBN: 978-65-87572-72-7 (e-book) 1. Fundamentos da educação a distância. 2. Educação a distância - ensino e aprendizagem. 3. Métodos e processos de ensino. 4. Educação inclusiva. I. Monteiro, Regina de Fátima Freire Valentim. II. Bezerra, Marta Célia Feitosa. III. Título. IV. Coleção.
-------	---

CDU: 81'232

EDITORA AFILIADA



Sumário

Capítulo 01	Histórico e evolução da Educação a Distância: visão do mundo e do Brasil	17
1	Objetivos da Aprendizagem.....	17
2	Começando a história.....	18
3	Tecendo conhecimento.....	19
3.1	A Educação a Distância no mundo.....	19
3.2	A Educação a Distância no Brasil.....	21
4	Exercitando.....	25
5	Aprofundando conhecimento.....	26
6	Trocando em miúdos.....	26
7	Autoavaliando.....	26
	Referências.....	28
Capítulo 02	Alguns dos princípios norteadores do contexto da EaD	29
1	Objetivos da Aprendizagem.....	29
2	Começando a história.....	30
3	Tecendo conhecimento.....	30
3.1	A EaD e a democratização do ensino.....	30
3.2	O que é Educação (Ensino) a Distância?.....	32
3.3	Educação presencial, semipresencial e a distância.....	33
3.4	Alguns dos princípios da EaD.....	35
3.4.1	Princípio da autonomia.....	36
3.4.2	Princípio da interação.....	37
3.4.3	Princípio da flexibilização.....	38
4	Exercitando.....	40
5	Aprofundando conhecimento.....	41
6	trocando em miúdos.....	41
7	Autoavaliando.....	41
	Referências.....	42
Capítulo 03	O Estudante na Educação a Distância	43
1	Objetivos da Aprendizagem.....	43
2	Começando a história.....	44
3	Tecendo conhecimento.....	44
3.1	Estudante a distância e estudante presencial?.....	45
3.2	Perfil do estudante de um curso a distância.....	45

3.3	Estilos de aprendizagem na Educação a Distância	48
3.4	A aprendizagem de jovens e adultos	50
4	Exercitando	51
5	Aprofundando conhecimento	52
6	Trocando em miúdos	52
7	Autoavaliando	53
	Referências	53
Capítulo 04 Outros atores na Educação a Distância		55
1	Objetivos da Aprendizagem	55
2	Começando a história	56
3	Tecendo conhecimento	57
3.1	Estão todos no mesmo barco?	57
4	Exercitando	64
5	Aprofundando conhecimento	65
6	Trocando em miúdos	65
7	Autoavaliando	65
	Referências	66
Capítulo 05 Ferramentas e softwares utilizados na Educação (a Distância)		67
1	Objetivos da Aprendizagem	67
2	Começando a história	68
3	Tecendo conhecimento	68
3.1	O ambiente para Educação a Distância	68
3.2	As Tecnologias da Informação e da Comunicação para além da EaD	69
3.3	Algumas ferramentas e softwares utilizados no contexto escolar	71
4	Exercitando	77
5	Aprofundando conhecimento	77
6	Trocando em miúdos	78
7	Autoavaliando	78
	Referências	80
Capítulo 06 Os Ambientes (Virtuais) de Aprendizagem		81
1	Objetivos da Aprendizagem	81
	Apresentação	82
2	Tecendo conhecimento	83
2.1	Designer Instrucional	86
2.2	Proposta de métrica para um curso em um Ambiente Virtual de Aprendizagem	86

3	Exercitando.....	89
4	Aprofundando seu conhecimento.....	89
5	Resumindo a aula.....	89
6	Autoavaliando.....	90
	Referências.....	92
Capítulo 07 Fundamentos e utilização do Moodle.....		93
1	Objetivos da Aprendizagem.....	93
	Apresentação.....	94
2	Tecendo conhecimento.....	95
2.1	O Design Instrucional do Moodle no IFPB.....	96
2.2	Tela de apresentação da unidade curricular.....	96
2.3	Tópicos de aula.....	97
2.4	Recursos e as atividades disponibilizados pelo Moodle.....	99
3	Exercitando.....	102
4	Aprofundando seu conhecimento.....	103
5	Resumindo a aula.....	103
6	Autoavaliando.....	103
	Referências.....	104

COLEÇÃO CAMINHOS PARA O ENSINO: LÍNGUA

PORTUGUESA COMO 2ª LÍNGUA PARA PESSOAS SURDAS

A ideia na qual se ancora a criação desta coletânea decorreu de questões práticas que apontam para a necessidade do desenvolvimento de ações voltadas a um aprofundamento pedagógico e metodológico na formação docente. Desse modo, os textos aqui apresentados foram concebidos como material didático-instrucional para a formação de professores por meio do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos, ofertado pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) em parceria com a CAPES e a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A coleção **Caminhos para o ensino: Língua Portuguesa como 2ª Língua para pessoas surdas** é um trabalho colaborativo que reuniu pesquisadores e professores dedicados à elaboração de material didático, destinado a formar professores empenhados em melhorar as experiências educacionais para a comunidade surda. Por se tratar de uma temática singular na modalidade EaD, o material produzido deste Curso serviu de base para o desenvolvimento de seus componentes curriculares.

O reconhecimento das lacunas existentes em relação à formação de professores especializados no ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua foi determinante para a realização do curso de Especialização voltado à educação bilíngue de surdos como um processo que consiste na concepção da Língua de Sinais como 1ª Língua e na aprendizagem da Língua Portuguesa como 2ª Língua. Acreditamos que, ao investir no bilinguismo, dentro desta concepção, estamos construindo pontes que unem as comunidades surdas e ouvintes, promovendo não apenas a fluência linguística mas também a compreensão mútua e o respeito comum.

O Curso respondeu ainda à proposta da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que aponta para a garantia do acesso ao ensino da Língua Portuguesa como 2ª Língua na modalidade escrita, buscando o reconhecimento e o respeito às particularidades das pessoas surdas, que se relacionam com o mundo por meio de sua experiência visual.

A oferta do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos e a elaboração da coleção **Caminhos para o ensino: Língua Portuguesa como 2ª Língua para pessoas surdas** contemplam a legislação vigente, assimilam as proposições do Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que prevê a inclusão da disciplina “Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para surdos” nos cursos de licenciatura em Letras/Português, e da Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021, que entende a modalidade de Educação Bilíngue de Surdos, considerando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como 1ª Língua e o Português escrito como 2ª Língua. Além disso, atendem também à construção de um itinerário formativo, permitindo a verticalização do ensino, como uma ação do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação da Paraíba, *Campus João Pessoa*, onde o Curso de Especialização teve origem.

A coleção **Caminhos para o ensino: Língua Portuguesa como 2ª Língua para pessoas surdas** se compõe de 11 volumes correspondentes a cada componente curricular do Curso, assim nominados:

Volume 1

Título: **Metodologia do Trabalho Científico**

Autoria: Prof. Dr. João Batista Pereira (UFRPE)

Volume 2

Título: **Fundamentos da Educação a Distância**

Autoria: Profa. Dra. Monica Maria Firmino Pereira Seixas (IFPB)

Volume 3

Título: **Aquisição de L1 e L2**

Autoria: Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega (UFPB)

Volume 4

Título: **Educação Bilíngue de Surdos**

Autoria: Profa. Dra. Sandra Patrícia Faria do Nascimento (UNB)

Volume 5

Título: **Elaboração de Material Didático de Língua Portuguesa para Surdos**

Autoria: Profa. Dra. Nídia Nunes Máximo (UFPE)

Volume 6

Título: **Recursos Educacionais para o Ensino da Língua Portuguesa para Surdos**

Autoria: Profa. Dra. Camila Michelyne Muniz da Silva (UFPE)

Volume 7

Título: **Libras I**

Autoria : Profa. Ma. Kátia Michaela Conserva Albuquerque (IFPB)

Profa. Ma. Marclely da Luz Marques (IFPB)

Volume 8

Título: **Libras II**

Autoria: Profa. Ma. Jacqueline Verissimo Ferreira da Silva (IFPB)

Profa. Ma. Marclely da Luz Marques (IFPB)

Volume 9

Título: **Ensino de Literatura para Surdos**

Autoria: Profa. Dra. Janaina Aguiar Peixoto (UFPB)

Profa. Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra (IFPB)

Volume 10

Título: **Ensino de Leitura em Língua Portuguesa como L2 para Surdos**

Autoria: Profa. Dra. Marcela Regina Vasconcelos da Silva (UFPE)

Profa. Dra. Gláucia Renata Pereira do Nascimento (UFPE)

Volume 11

Título: **Ensino de Escrita em Língua Portuguesa como L2 para Surdos**

Autoria: Profa. Dra. Gláucia Renata Pereira do Nascimento (UFPE)

Profa. Dra. Marcela Regina Vasconcelos da Silva (UFPE)

Com esta iniciativa, o Instituto Federal da Paraíba segue firme no propósito de assegurar, por meio da formação de professores, o direito à inclusão das pessoas surdas. O presente material se configura como ferramenta que visa oferecer aos docentes conhecimentos básicos que lhes permitam repensar suas práticas pedagógicas, levando em conta as especificidades linguísticas da pessoa com surdez e, assim, impactar positivamente a aprendizagem no decorrer de toda a sua trajetória educacional.

Marta Célia Feitosa Bezerra

Instituto Federal da Paraíba – IFPB

Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro

Instituto Federal da Paraíba – IFPB

Organizadoras da Coleção

MÔNICA MARIA FIRMINO PEREIRA SEIXAS



Monica Maria Firmino Pereira Seixas nasceu em São Paulo – SP, mas foi criada na Paraíba. É doutora e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling/UFPB). Possui graduação em Letras pela UFPB. Atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no *Campus* João Pessoa do IFPB, no curso de Licenciatura em Letras. É autora do livro *Novo Acordo Ortográfico: comentado e Ilustrado* e da *Coleção Mais saber – Ensino Médio*, publicados pela Editora Grafset. Dedicar-se, entre outros trabalhos, à pesquisa na área de EaD, com ênfase em material didático e em Ambiente Virtual de Aprendizagem. Também tem dedicado seus estudos à Psicologia Positiva e suas contribuições para educação e para a neurodiversidade, especificamente as Altas Habilidades/ Superdotação. O propósito mais lindo de sua vida é ser mãe de Miguel.

APRESENTAÇÃO

Neste componente curricular, apresentaremos alguns dos conceitos que embasam os fundamentos da Educação a Distância (EaD), buscando conhecer, brevemente, o seu contexto histórico e algumas das suas particularidades.

O material está organizado em 7 aulas temáticas, distribuídas em 3 unidades. No primeiro Capítulo da Unidade I, teremos a oportunidade de refletir um pouco sobre a existência da EaD nas nossas vidas e no nosso cotidiano. Inicialmente, apresentaremos alguns dos marcos históricos da Educação a Distância no mundo. Veremos que a trajetória inicial da EaD se deu principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Na sequência, no Capítulo 2, apresentaremos os marcos no Brasil que se destacaram nas experiências educacionais com a modalidade a distância. No segundo Capítulo, teremos a oportunidade de refletir um pouco sobre alguns dos princípios norteadores do contexto da EaD.

Na Unidade II, teremos os Capítulos 3 e 4. No terceiro Capítulo, seguiremos o nosso passeio, discutindo mais alguns detalhes sobre os atores que fazem parte do universo da Educação a Distância. Discutiremos um pouco sobre as particularidades do estudante da EaD. No Capítulo 4, trataremos especificamente sobre outros atores do contexto educacional a distância: Quem mais faz parte desse contexto? Existem papéis e funções diferentes a depender do modelo de EaD adotado pelo curso? Apresentaremos alguns desses profissionais e seus respectivos papéis no contexto educacional da EaD.

Na terceira Unidade, no Capítulo 5, discutiremos um pouco sobre os aspectos mais funcionais da EaD: algumas ferramentas e softwares utilizados nesse contexto educacional. Não limitaremos o nosso olhar apenas para os cursos na modalidade a distância, trataremos, também, sobre possibilidades de uso das tecnologias em outros modelos educacionais.

Dando sequência à Unidade 3, nos Capítulos 6 e 7, falaremos especificamente sobre Ambiente Virtual da Aprendizagem (AVA). Mesmo que de forma breve, apresentaremos algumas questões que consideramos relevantes para o nosso curso de Fundamentos da Educação a Distância e sobre os Fundamentos e utilização do Moodle.

Esperamos, como forma de ampliar o seu letramento digital, que, ao término da leitura e dos estudos com este material, você esteja bem familiarizado com o Ambiente Virtual da Aprendizagem utilizado neste Curso, o Moodle, bem como com as especificidades que estão em torno da modalidade de ensino. Neste sentido, desejamos que a sua experiência com este componente curricular seja relevante e significativa para sua formação como professor somada a esta Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos.

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

■ Histórico e evolução da Educação a Distância: visão do mundo e do Brasil

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Traçar um breve histórico da EaD no mundo e no Brasil;
- Apresentar o panorama atual da EaD no mundo e no Brasil.

2 COMEÇANDO A HISTÓRIA

Certamente, você tem muitos planos para o início desse novo projeto em sua vida: cursar a Especialização em Ensino de Língua Portuguesa com 2ª Língua para Surdos. Talvez tenha, também, alguns questionamentos sobre a modalidade de ensino na qual está inserida essa especialização: a Distância.

Vamos começar nossa conversa perguntando: você já teve alguma experiência com Educação a Distância? Se sua resposta for não, você vai perceber, ao longo deste Capítulo, que a EaD, nas suas muitas possibilidades, já fez parte do seu aprendizado. Se sim, iremos refletir sobre essas possibilidades para fazermos novas descobertas.

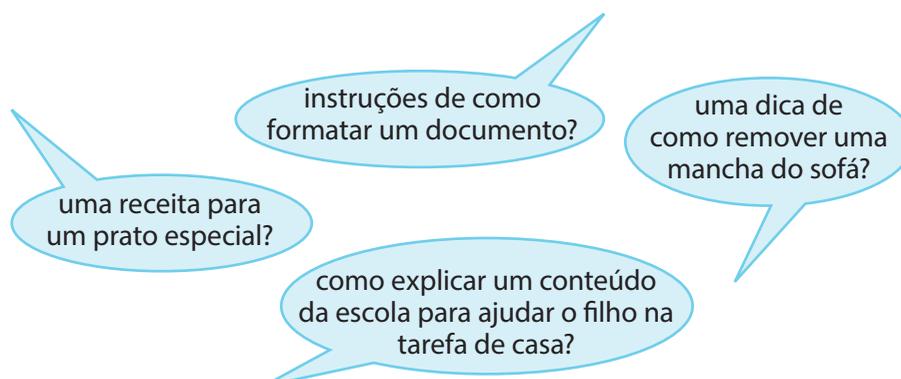
Figura 1



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 08 de jan. 2019

Na charge acima, verificamos, por meio de um tom bem-humorado, que sempre houve necessidade para se ensinar algo que não fosse no contexto presencial. Você concorda?

Então, pensando de uma forma mais ampla, além da educação formal e regular: quem nunca buscou na internet...



Nessa perspectiva, podemos compreender que o processo de aprender algo por meio das tecnologias, sejam elas digitais ou não, faz parte no nosso contexto nas mais diversas situações do cotidiano. Vamos lá?!

3 TECENDO CONHECIMENTO

Poderíamos direcionar nossa discussão para esse contexto mais amplo de aprendizagem e, se assim fizéssemos, começaríamos trazendo as cartas do apóstolo Paulo para os cristãos como um dos primeiros exemplos de oportunizar o aprendizado em um contexto não presencial, não é verdade? No entanto, vamos trazer como marco para o histórico da EaD no mundo e no Brasil as experiências oriundas da formação formal. Vejamos, a seguir, como se deu essa expansão.

3.1 A Educação a Distância no mundo

A literatura existente sobre a Educação a Distância apresenta alguns marcos importantes para termos em mente como se deu o processo de evolução da EaD no mundo e, conseqüentemente, no Brasil. Os primeiros indícios de utilização da Educação a Distância na formação formal remontam ao século XIX, quando foi criada, em 1840, a primeira escola por correspondência na Europa, no Reino Unido, a Faculdade Sir Isaac Pitman.

Em 1856, o Instituto *Toussaint y Langenscheidt*, Berlim-Alemanha, inicia a oferta de cursos em domicílio.

A mesma metodologia passa a ser difundida em Boston, Estados Unidos, quando, em 1873, a *Society to Encourage at Home* começa a ofertar cursos por correspondência, por meio de estudos em domicílio. Ainda nos Estados Unidos, em 1891, a Universidade da Pensilvânia cria o *International Correspondence Institute* para ofertar curso sobre Medida de Segurança no Trabalho de Mineração.

Na Suécia, em 1898, o Instituto Hermons começa a ofertar cursos de Línguas por correspondência.

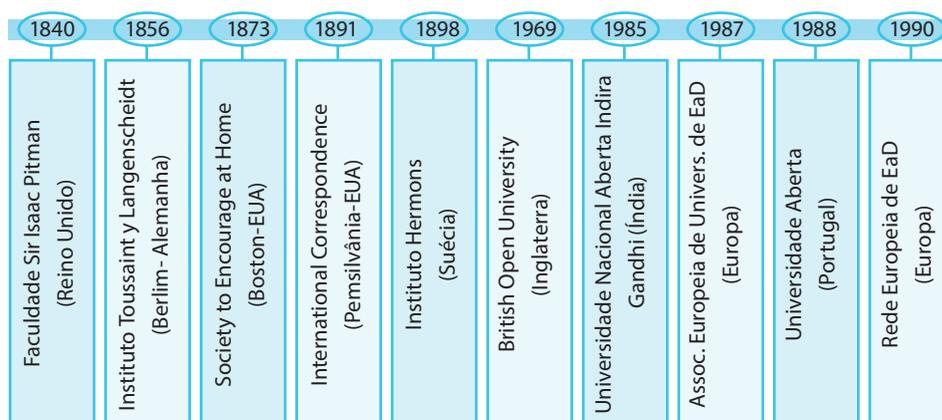
Na Inglaterra, em 1969, a fundação da *British Open University*, marca a oferta do ensino superior a distância. O avanço nos processos de comunicação entre professores e estudantes bem como a transmissão de materiais didáticos fazem com que essa instituição seja considerada como um importante acontecimento dentro da evolução da EAD.

Em 1985, na Índia, foi implantada a Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi. Ainda na década de oitenta, na Europa, em 1987, foi criada a Fundação da Associação Europeia de Universidade de Ensino a Distância e, em 1990, foi implantada a Rede Europeia de Educação a Distância. Em Portugal, 1988, foi fundada a Universidade Aberta.

Podemos observar que, no século XIX, aconteceram as primeiras experiências com a modalidade a distância com o oferecimento de cursos por correspondência, apresentando uma concentração maior na Europa e nos Estados Unidos.

Sabemos que as informações apresentadas até aqui não estão esgotadas. Para que tenhamos o quadro atual, muito deve ter sido feito mundo afora. Em resumo, apresentamos, a seguir, um quadro (Figura 2), que sintetiza e representa um pouco dos marcos da EaD no cenário mundial, especialmente na Europa.

Figura 2



Fonte: Autoria própria

No início do século XX, outros países como África do Sul, Austrália, Alemanha, Canadá, Noruega, França começam a realizar suas primeiras experiências com a modalidade a distância. No entanto, foi apenas na segunda metade desse século que a EaD começou a se fortalecer e a se estabelecer como uma importante modalidade de ensino.

Em consequência das experiências, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, países da América Latina também começam a implantar programas de fomento à Educação a Distância como, por exemplo, Venezuela, Chile, Costa Rica, El Salvador, México, Argentina, Bolívia e Equador. Instituições como a Universidade Aberta da Venezuela e a Universidade Estatal a Distância da Costa Rica, criadas em 1977, seguiram o mesmo modelo de produção e implementação de aulas adotado pela *British Open University*.

Você pode estar pensando: então, a história da Educação a Distância não é tão recente? Exatamente! Ao observarmos as datas, podemos inferir que muito já foi feito para que a modalidade a distância esteja tão consolidada, não é verdade? Certamente, com a evolução tecnológica e os avanços nos meios de comunicação, as ofertas de cursos a distância foram cada vez mais ampliadas. Não podemos esquecer que, com esse novo cenário, nasce, também, a necessidade de otimizar o acesso às informações e de proporcionar ao educando meios que facilitem a compreensão do que se quer ensinar.

E por falar em novo cenário, não podemos deixar de enfatizar o contexto tecnológico com o qual, lado a lado, caminha a EaD. Segundo Silva (2016), no início do século XXI, aconteceu a grande expansão tecnológica mundial, com o crescimento admirável da venda de computadores e com o acesso a Internet, em consequência da globalização e da massiva adesão das pessoas à essa tecnologia. Essas últimas décadas foram marcadas por uma revolução tecnológica como também sociológica, tendo em vista o pouco tempo que esses equipamentos foram disponibilizados no mercado e o alcance atingido em quase todas as classes sociais, o que explica e justifica esse complexo fenômeno social.

3.2 A Educação a Distância no Brasil

Até aqui, podemos perceber que, ao contrário do que muitos pensam, a EaD não é uma modalidade de ensino recente. As primeiras experiências remontam ao século XIX e seguem ao longo de todo século, sendo, atualmente, uma valorosa modalidade de ensino, e isso se deve, especialmente, aos avanços tecnológicos que permearam toda história da EaD.

E por falar em avanços tecnológicos, é importante retomar os fatores que permearam o desenvolvimento do ensino em relação ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TICs. Ressaltamos, com base em Silva (2016), que

a Educação a Distância tem se configurado, no Brasil, como uma metodologia capaz de encurtar distância. Inicialmente, com a utilização da carta como mecanismo de interação, foi com o advento das TICs que a EaD ganhou força e chegou a lugares nunca antes pensados como sede para oferta de curso de formação superior. Esse crescimento pode ser compreendido pelas possibilidades de interação oferecidas pelas TICs, que instauraram na sociedade contemporânea uma nova maneira de se comunicar, e conseqüentemente de ter acesso à informação e, assim, a cursos de formação.

É sabido que vivenciamos a revolução tecnológica, mais especificamente das tecnologias da informação e da comunicação, o que, por sua vez, afeta as relações de trabalho, e isso certamente se reflete na educação.

Vamos, então, tentar recuperar na nossa memória exemplos de EaD que se destacaram no Brasil no século XX. Muitos de nós conhecemos, por exemplo, o Telecurso Primeiro Grau, Telecurso Segundo Grau e o Telecurso 2000. Quem ligava a televisão nas primeiras horas da manhã, especialmente nas décadas de 80 e 90 do século passado, assistia às aulas ofertadas pelos referidos programas, não é verdade? Muitas vezes, o café da manhã era acompanhado das explicações contextualizadas pelos vídeos (cada teleaula tem uma duração de 15 minutos aproximadamente) do Telecurso Primeiro Grau, Telecurso Segundo Grau e do Telecurso 2000.

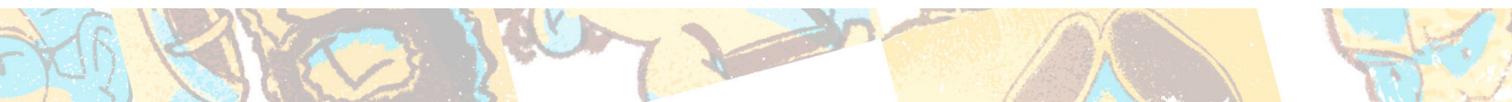
Pois bem! Esses programas eram voltados para quem não tinha acesso formal e presencial à educação básica, atendendo às localidades distantes e para pessoas em situação de defasagem em idade e ano escolar, bem como curso profissionalizante como, por exemplo, mecânica. Era um sistema educacional mantido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e Fundação Roberto Marinho, exibido pela Rede Globo e oferecido às TVs educativas, como a TV Cultura, TV Brasil e o Canal Futura, além das emissoras católicas TV Aparecida e Rede Vida.

Importante destacar que essas não foram as primeiras experiências com educação a distância no Brasil. Os primeiros experimentos em EaD ficaram sem registros. Segundo Corrêa (2005), os primeiros registros datam de 1923. Vamos, então, ver um pouco da cronologia da EaD no Brasil?

No Rio de Janeiro, em 1923, foi inaugurada a Fundação Roquete Pinto (Rádio Sociedade do Rio de Janeiro). Na ocasião, o público tinha acesso a diversos conteúdos, por meio de uma programação que contava, por exemplo, com aulas de inglês, francês, química. Na rádio educativa, a interação entre o ouvinte e os mediadores era estabelecida por meio de carta. Já, em 1991, a Fundação Roquete Pinto lança o programa **Um salto para o Futuro**, com o objetivo de ofertar curso para a formação continuada de professores do ensino fundamental

Em 1939, a Marinha e o Exército do Brasil passam a ofertar cursos por correspondência. Começa a história das forças armadas com a modalidade que só viria a crescer ao longo dos anos.

O impulsionamento da educação a distância no Brasil esteve fortemente ligado à formação profissional, objetivando capacitar as pessoas para o exercício de profissões voltadas, em especial, para a modernização administrativa, sempre



motivadas por questões de mercado. É quando surge o Instituto Rádio-Técnico Monitor, em 1939, e é reconhecido o Instituto Universal Brasileiro, em 1941, que passa a ofertar cursos por correspondência para formação profissional básica.

Em 1970, o governo federal instituiu o Projeto Minerva. O programa, que tinha por finalidade educar pessoas adultas, levou esse nome em homenagem à deusa romana da sabedoria. Na ocasião, por determinação do governo, todas as emissoras do país eram obrigadas a transmitir as aulas do Projeto Minerva, veiculada após a programação do Hora do Brasil.

Entre os anos de 1973 e 1974, é disponibilizado o Projeto Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares (SACI) que, dentro de uma perspectiva de uso de satélites, chegou a atender a 16.000 alunos. Ainda em 1974, surge a TV Educativa do Ceará, com a oferta de cursos de quinta a oitava série, com material televisivo, impresso e disponibilização de monitores.

Em 1976, o SENAC cria o Sistema Nacional de Teleducação para ofertar cursos por meio de material instrucional, direcionado para a modalidade a distância.

Em 1979, o Colégio Anglo-Americano do Rio de Janeiro, que atuava em 28 países, inicia a oferta de cursos de correspondência para brasileiros residentes no exterior, em nível de 1º e 2º graus.

Ainda em 1979, a Universidade de Brasília passa a ofertar cursos veiculados por jornais e revistas. Neste mesmo ano, a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), por meio da Pós-Graduação Experimental a Distância, oferta, também, cursos de formação de professores do interior do país.

Também em 1979, a criação da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FCTVE) surge com o objetivo de utilizar programas de televisão no projeto Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

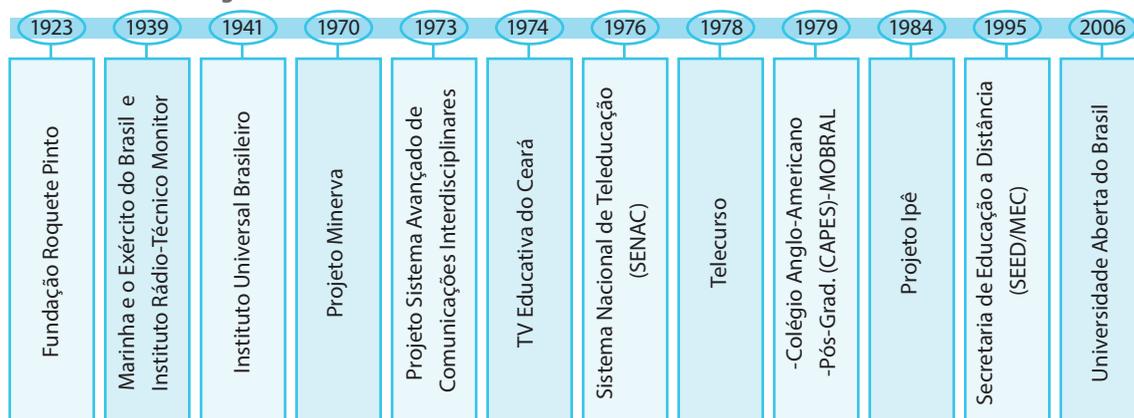
Em 1984, em São Paulo, é criado o Projeto Ipê, com o objetivo de fomentar a formação continuada dos professores para o Magistério de 1º e 2º graus.

Na década de 90 temos, em 1995, a oferta de cursos, de quinta a oitava séries, por meio de programas televisivos e material impresso, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação – MultiRio, Rio de Janeiro. Em 1995, também é criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC), que desenvolveu e implantou um curso a distância vinculado ao Projeto TV Escola, objetivando a formação de professores. Ainda nos anos 90, podemos citar a criação do Canal Futura, uma iniciativa de empresas privadas para a criação de um canal com programas exclusivamente educativos.

O mais recente e importante marco na EaD no Brasil foi a implantação da Universidade Aberta do Brasil. O Sistema UAB foi instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, para “o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País”. Portanto, com a adesão do governo a essa modalidade de ensino e com a implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), o número de cursos e instituições em todo o país tem crescido e se expandido de forma acelerada.

Vamos ver como seria a linha do tempo da EaD no Brasil. A seguir, temos um gráfico com o resumo dos marcos apresentados:

Figura 3



Fonte: Autoria própria

Embora se tenha a impressão de que a EAD não é nova e enquanto ela avança no mundo, no Brasil, ela caminha a passos muito lentos. Podemos concluir, então, que, com base nesse cenário brasileiro, as instituições que oferecem cursos na modalidade a distância ganham espaço e adeptos, tanto dos educandos da rede pública como da rede privada.

No entanto, é inquestionável que, no Brasil, o desenvolvimento da EAD tem sua disseminação crescente, em decorrência do iminente processo de industrialização, cuja trajetória gerou uma demanda por políticas educacionais que formassem o trabalhador para a atividade industrial. Nessa perspectiva, a EaD surge como uma alternativa para atender à demanda do mercado de trabalho.

Um fato importante que não podemos perder de vista é que as políticas públicas viram na Educação a Distância uma forma de atingir uma grande massa de educandos. Esse fator não pode ser analisado somente a partir de números. É imprescindível que a educação permita que haja, por exemplo, grandes reflexões sobre questões sociais. E que consideremos que, como toda modalidade de ensino, a EaD não se constitui a solução para todos os problemas da educação.

Reconhecidamente, a EaD, em todo o seu processo histórico, passa por um importante processo de transformação, em especial no que diz respeito ao preconceito à adesão por parte das instituições e da sociedade em geral. Podemos perceber que a Educação a Distância está perdendo o estigma de ensino de baixa qualidade, emergencial e ineficiente na formação do cidadão, não é verdade?

4 EXERCITANDO

Vamos observar a charge abaixo:

Figura 4



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 08 jan. 2019

- 1) Fazendo a relação da charge o que apresentamos neste primeiro Capítulo, podemos constatar que aprender, interagir na modalidade a distância faz mais parte da nossa vida do que imaginamos. E você? Já recorreu a esse recurso para aprender algo ou interagir com alguém? Se sim, qual meio ou instrumento você utilizou?
- 2) Agora, relacione e observe as linhas do tempo apresentadas nas figuras 3 e 5. Na sequência, faça a análise de como se deu a evolução da EaD no mundo e no Brasil.

5 APROFUNDANDO CONHECIMENTO

Para aprofundar o conhecimento sobre a EaD, indicamos as leituras a seguir:

O livro “Introdução à Educação a Distância”, de Josias Ricardo Hack, disponível no link <https://ead.ufsc.br/portugues/files/2012/04/livro-introdu%C3%A7%C3%A3o-a-EAD.pdf>, apresenta fundamentos, definições, características e curiosidades históricas sobre a Educação a Distância no Brasil e no mundo. É um texto interessante para quem tem curiosidade de conhecer um pouco mais sobre esse universo.

O artigo de José Manuel Moran, intitulado “O que é Educação a Distância”. Disponível no link <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. É uma leitura fundamental para se compreenderem as especificidades da Educação a Distância, especialmente no Brasil.

6 TROCANDO EM MIÚDOS

Neste primeiro Capítulo, tivemos a oportunidade de refletir um pouco sobre a existência da EaD nas nossas vidas e no nosso cotidiano. Inicialmente, apresentamos alguns dos marcos históricos da Educação a Distância no mundo. Vimos que a trajetória inicial da EaD se deu principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Na sequência, apresentamos os marcos, no Brasil, que se destacaram nas experiências educacionais com a modalidade a distância. Foi possível perceber que o século XX foi determinante para a consolidação da EaD nas práticas educativas brasileiras.

7 AUTOAVALIANDO

A partir do que estudamos, você se enxerga inserido nesse contexto educacional? A sua percepção da EaD mudou desde que iniciou a leitura deste livro? Quais pontos você destaca como mais relevantes em relação à sua experiência, ou em relação à falta dela, com a modalidade a distância e o curso?



REFERÊNCIAS

CORRÊA, Juliane. O cenário atual da educação a distância. *In*: SENAC. **Curso de especialização a distância**. E-Book. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. CDROM.

MORAN, José Manuel. **O que é Educação a Distância**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância: um olhar para os recursos multimodais**. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016a.

SILVA, Monica Maria Pereira da; ALMEIDA, Danielle Lins Barbosa de. A perspectiva do material didático para a EaD: reflexão a partir da prática no curso de Licenciatura em Letras do IFPB. *In*: **Educação a distância: educação, prática e formação docente**. ARAÚJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de; OUVÉNEY-KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (orgs). – João Pessoa: IFPB, 2016b.

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

■ Alguns dos princípios norteadores do contexto da EaD

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Discutir o conceito e os fundamentos da Educação a Distância.
- Apresentar alguns dos princípios norteadores do contexto da EaD.

2 COMEÇANDO A HISTÓRIA

Agora que já temos ideia de como foi a trajetória percorrida pela modalidade a distância no mundo e no Brasil, vamos começar a discutir alguns pontos pedagógicos que consideramos de grande relevância para a compreensão das peculiaridades dessa modalidade.

Você pode estar se perguntando: é possível aprender uma segunda língua, sem a interação presencial? Como interagir em Libras quando não há presença física dos interlocutores? Como organizar tempo de estudo para esse curso, se outras atividades já demandam muito do dia a dia? Será que, sozinho, um estudante de curso a distância pode alcançar seus objetivos?

Para responder a esses e alguns outros pontos, precisamos compreender os aspectos pedagógicos que perfazem essa modalidade de ensino tão rica e tão desafiadora.

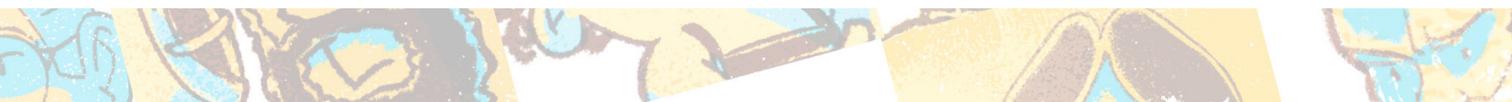
Vamos lá? Começaremos nossa conversa, discutindo alguns conceitos importantes sobre a Educação a Distância.

3 TECENDO CONHECIMENTO

Até aqui, vimos que, historicamente, a Educação a Distância (EaD) ganhou espaço como estratégia de ensino a partir da disseminação, segundo Silva (2016, p. 32), como ferramenta de interação, dos serviços de correspondência para o envio de materiais didáticos e pelo uso de programas em rádios e televisão. A partir da facilidade de acesso aos computadores e celulares, destaque para os *smartphones*, e do advento da Internet, a EaD conquistou um espaço de evidência no ambiente educacional e vem sendo alvo de investimentos por parte dos programas governamentais.

3.1 A EaD e a democratização do ensino

Já que estamos refletindo sobre a EaD como modalidade de ensino em constante transformação e adesão, vamos pensar a partir do seguinte questionamento: qual, então, grande diferencial da EaD? Pois bem, arriscamos dizer que se trata da democratização do ensino. Quando pensamos em EaD, remetemos nossa ideia ao fato de que a possibilidade de estudar fora da sala de aula presencial é a



grande chance de muitas pessoas poderem cursar uma graduação, um curso livre, uma pós-graduação. Já que utilizamos o termo “distância”, fazemos referência ao contexto físico no qual o espaço educacional está inserido: a sala de aula. Daí, podemos inferir que todo processo de ensino que ultrapassa as paredes da sala de aula pode ser considerado a distância.

Esse aspecto tem sido determinante ao se pensar a oferta de um curso na modalidade EaD, tendo em vista que, segundo Silva (2016), a EaD é

uma forma de oportunizar a democratização do ensino, tornando-o menos restrito aos que estão geograficamente mais próximos aos centros universitários, assim como à oferta de cursos diversificados e coerentes com as necessidades e demandas sociais.

Podemos ampliar essa citação de Silva (2016) e arriscar dizer que não se restringe, apenas, ao universo da educação superior, dos centros universitários. Cursos livres, profissionalizantes, canais de vídeos com esclarecimentos de dúvidas e conteúdos escolares, essas e outras possibilidades têm conquistado cada vez mais espaço, no contexto de formação básica ou continuada.

Figura 1



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 08 jan. 2019.

Pegando carona no diálogo presente na charge acima sobre a nave Enterprise, é possível imaginar os lugares mais extremos nos quais muitas pessoas se

beneficiam da modalidade a distância para ter acesso à educação. Você conhece alguém que esteja nessa situação?

Destacamos, também, não só a distância física entre o estudante e professor mas a impossibilidade de se cursar algum curso presencialmente, seja pela inviabilidade de horário, de deslocamento, entre outras particularidades que envolvem cada história de quem opta pela EaD. Na perspectiva de quem oferta um curso a distância, também se torna desafiador e relevante levar o conhecimento a lugares que não possuem estrutura para oferta de um curso presencial. Para isso, conhecer as especificidades dessa modalidade bem como as necessidades de todos os envolvidos deve ser o ponto principal de quem oferta um curso a distância, afinal, não é porque não exige estrutura igual a de um curso que o ensino a distância será o caminho mais fácil. E isso vale tanto na perspectiva de quem oferta como na de quem estuda.

3.2 O que é Educação (Ensino) a Distância?

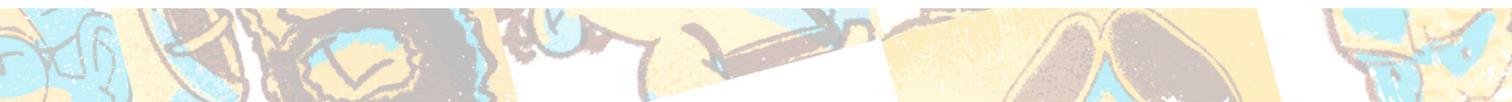
Você já deve ter visto em algumas ocasiões o uso dos termos **Ensino** a distância e **Educação** a distância. Será que há diferença entre eles?

José Moran (2002) afirma que a expressão “ensino a distância” enfatiza o papel do professor, ou seja, “como alguém que ensina a distância”. O autor explica que a palavra “educação” é mais abrangente, pois envolve todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem no contexto educacional da EaD.

Reconhecemos que essa discussão não se esgota e, talvez, nenhuma das expressões seja adequada. Entre as duas possibilidades, entendemos, no entanto, que o termo *educação* se coloca mais compatível com as particularidades da modalidade de ensino, tendo em vista que há, também, outras definições como ensino presencial, semipresencial bem como a distância.

Vamos pensar que o curso ofertado a distância, presencial ou semipresencial, terá em sua teia as especificidades de cada modalidade. Por essa razão, por exemplo, um cursista, ao receber seu certificado de conclusão de curso, não terá detalhada a modalidade de ensino.

Pois bem! Já pensando nessa especificidade geográfica e temporal e de uma forma bem ampla, Moran (2002) define Educação a Distância como



o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde (*sic*) professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente.

Essa, talvez, não seja a definição mais precisa, mas já nos aponta uma direção para compreendermos melhor esse universo da EaD, pois conceitua tal modalidade como um processo de ensino e de aprendizagem que envolve atores distintos (professor e alunos) separados pelo espaço e/ou pelo tempo.

E já que estamos tratando sobre o termo e o conceito da EaD, vamos aproveitar e apresentar outra curiosidade. Educação a Distância é grafada com crase ou não? Ou não há diferença? Então, utilizamos o acento grave da crase nos casos em que a distância é expressa, definida, como, por exemplo, quando dizemos “**Os livros estavam à distância de 5 metros da estante**”. No caso da Educação a Distância, essa distância não é delimitada, logo não se usa o acento indicador de crase.

Até aqui, além de compreender melhor as especificidades pedagógicas da modalidade a distância, também chegamos à conclusão de que, a partir de agora, utilizaremos educação e não ensino e que será grafado, sempre, sem o acento da crase: **Educação a Distância!!!!**

3.3 Educação presencial, semipresencial e a distância

Começamos este tópico comentando sobre outras particulares terminológicas. Qual a diferença entre a educação a distância, a educação presencial e a educação semipresencial?

A primeira questão sobre a qual se deve refletir é quanto ao objetivo do curso. Assim, quando se pensa em se ofertar um curso de graduação, é importante definir de que tipo este será: Bacharelado, Tecnológico ou Licenciatura? Quando se oferta uma licenciatura, por exemplo, deve-se ter como escopo, ou propósito, a execução de um curso cujo graduado, ao término, esteja apto a exercer o seu ofício: atuar como docente em sua área de formação, de acordo com habilitação para o qual se preparou. Se o curso será presencial, semipresencial ou a distância, é uma questão que diz respeito à modalidade de ensino, ou seja, à forma como as aulas e atividades serão realizadas. Assim, profissionais formados em curso presencial, semipresencial ou a distância terão as mesmas habilitações em suas profissões.

Agora que já vimos que o fato de ser presencial, semipresencial ou a distância está relacionado à modalidade de ensino, vamos, então, discutir um pouco como o processo de ensino e de aprendizagem se dá nessas diferentes modalidades de ensino.

Silva (2016, p. 32) nos diz que,

[...] historicamente, a modalidade de EaD foi sendo disseminada por meio dos cursos profissionalizantes que utilizavam, como ferramenta de interação, os serviços de correios para o envio de apostilas como materiais didáticos e pelo uso de programas em rádios e televisão. A partir da facilidade de acesso aos computadores e do advento da Internet, a EaD conquistou um espaço de evidência no ambiente educacional e vem sendo alvo de estudos e investimentos por parte dos programas governamentais.

Com base nessa afirmação, podemos concluir que a internet é o grande divisor de águas no processo de ensino que diferencia as modalidades de ensino. Não podemos, entretanto, deixar de levar em consideração o fato de que muitos cursos foram ofertados na EaD em um contexto não virtual, os famosos cursos por correspondência. Sendo assim, podemos também concluir que não é a utilização da internet que determina a modalidade de ensino. Um conteúdo pode ser ministrado a distância e não ser virtual.

Em linhas gerais, temos alguns pontos que nos ajudarão a entender esses três cenários que envolvem as modalidades de ensino:

- **Presencial:** quando as aulas são realizadas em contexto presencial, ou seja, as aulas, as interações entre professores e estudantes, os momentos de aprendizagem ocorrem em um ambiente físico. Nesses casos, com as muitas possibilidades de uso das TICs, o processo de ensino e de aprendizagem pode ocorrer, também, por meio do contexto virtual. As orientações de ensino já trazem o uso de ferramentas tecnológicas como estratégia a ser inserida nos programas e nas metodologias de ensino.
- **Semipresencial:** nesse contexto, o ambiente virtual de aprendizagem já faz parte, obrigatoriamente, da metodologia de ensino. Desse modo, os cursos são ofertados parcialmente em um ambiente virtual de aprendizagem e também presencialmente. Nesses casos, há delimitação de carga horária para as atividades virtuais e para as presenciais.
- **A distância:** os cursos inseridos nessa modalidade de ensino têm, como contexto de sala de aula, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Todo o processo de ensino e aprendizagem acontece por meio do cenário virtual.



Alguns momentos, contudo, são presenciais e ocorrem quando determinados pelos documentos normativos do curso: é o caso das atividades avaliativas. Embora este seja um aspecto relevante, não é determinante ou suficiente para definir o curso como semipresencial.

Por fim, podemos concluir que não é somente o mecanismo tecnológico que diferencia como o curso será ofertado. Outras questões devem ser consideradas para que um curso seja enquadrado em uma determinada modalidade de ensino. Por exemplo, se um professor tem um canal no Youtube, com orientações dos conteúdos ministrados em sala de aula, possui um grupo em uma rede social para interagir e tirar as dúvidas, não quer dizer que o curso seja semipresencial, correto? Nesse caso, se a normativa do curso o apresenta como presencial, as ferramentas tecnológicas serão utilizadas como estratégias de ensino na metodologia escolhida pelo professor. E aí? Você conhece algum caso como esse?

3.4 Alguns dos princípios da EaD

Já podemos inferir que não é somente transpor o conteúdo utilizado em um curso presencial para um Ambiente Virtual de Aprendizagem que enquadrará esse curso na modalidade a distância ou semipresencial. Existem especificidades de uma modalidade em relação à outra, o que nos faz ter uma atenção maior quando estamos inseridos nesse contexto de ensino. Explorando um pouco mais esse universo da EaD, vamos discutir um pouco sobre alguns dos princípios norteadores do contexto educacional que envolvem a modalidade a distância.

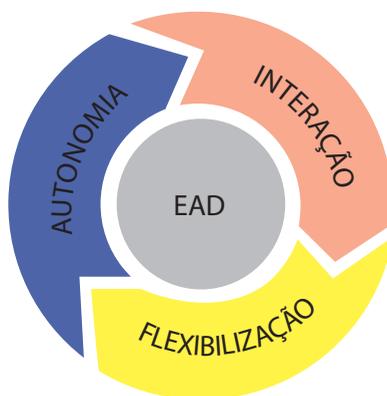
Se os princípios educacionais se constituem de forma diferenciada em relação às modalidades de ensino, quando pensamos em um curso a distância, devemos levar em consideração as especificidades que envolvem todo o processo de ensino e de aprendizagem de conteúdo ministrado fora do contexto presencial.

Atualmente, as discussões sobre a EaD têm ganhado cada vez mais espaço. Todos esses diálogos têm sido determinantes para compreender melhor esse contexto educacional. Com base nessas reflexões acadêmicas e em documentos oficiais, a exemplo dos Referenciais de Qualidade para o Ensino Superior a Distância (MEC), apresentamos, a seguir, alguns dos princípios que pautam o método didático-pedagógico da Educação a Distância.

Para sustentar nossa discussão, partiremos do pressuposto de que muitas nuances podem ser consideradas em todas as modalidades de ensino, no entanto, elencaremos três princípios que consideramos basilares para o desencadeamento

metodológico de um curso a distância: o Princípio da autonomia, o Princípio da interação e o Princípio da flexibilização.

Figura 2 – Princípios da EaD



Fonte: Ilustração do autor.

A imagem acima ilustra a relação estabelecida entre os Princípios da EaD. Analisando-a, podemos perceber que estes envolvem o processo de ensino e de aprendizagem na modalidade a distância e se conectam numa relação de completude.

Nos tópicos a seguir, veremos um pouco do que Silva (2016) apresenta para cada um desses princípios.

3.4.1 Princípio da autonomia

Esse Princípio está relacionado à capacidade de autoinstrução. Ao considerá-lo, o curso deve oferecer ao estudante condições de ser protagonista e condutor do seu processo de formação e construção do conhecimento.

É preciso destacar que autonomia deve ser considerada não como um processo de isolamento, mas sim, conforme preconizado por Freire (1996, p. 59), “a presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herda geneticamente e o que herda o social, cultural e historicamente”. Freire (1996) deixa claro que, para o discente ser protagonista na construção do conhecimento e ter a liberdade de escolha dos horários, do local de estudo, do conteúdo, ele não precisa estar sozinho no processo, isolado diante de um computador.

Figura 3



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 10 jan. 2019.

A Figura 3, de forma bem-humorada, traz uma questão que podemos problematizar: o personagem da charge, por ter autonomia de escolha e diante das condições favoráveis da EaD, resolve fazer mais um curso a distância. O que deve ser levado em consideração para se escolher um curso a distância? Vamos refletir um pouco sobre essa questão?

3.4.2 Princípio da interação

O Princípio da interação diz respeito à relação entre os envolvidos com o processo educacional do qual a EaD faz parte. Podemos dizer que é por meio desse Princípio que há intercâmbio de informações com outros sujeitos e consigo próprio. É por meio do processo de interação que se mobilizam conhecimentos, papéis e funções sociais, fatores que permitem a formação de conhecimentos e da própria consciência.

Figura 4



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Como podemos ver na charge acima, Figura 4, por meio de uma webconferência, a professora está interagindo com Tico e Tino. Pois bem, os recursos tecnológicos são ferramentas essenciais para a operacionalização do processo de interação. Por essa razão, um curso ofertado na modalidade a distância deve ter, como item fundamental, o aparato tecnológico que permita oportunizar, de forma sistêmica, a interação e, em especial, a dinamicidade necessária para um curso nessa modalidade. Recursos como bate-papos, fóruns, webconferências, mensagens instantâneas são algumas das possibilidades utilizadas como canal de interação. Nos cursos a distância, há diferentes atores com papéis bastante distintos e que, de forma complementar, participam ativamente do processo de ensino e de aprendizagem. Podemos afirmar que a interação estabelecida entre professores, estudantes e demais profissionais é um fator essencial para o sucesso de um curso na modalidade a distância. Nos próximos capítulos, falaremos um pouco sobre esses atores e seus papéis no processo educacional que envolve a EaD.

3.4.3 Princípio da flexibilização

Talvez esse seja o Princípio que mais atrai o público que opta por fazer um curso a distância. O Princípio da flexibilização é o que mais evidencia as especificidades da EaD, em função de ser uma base metodológica que está associada não só à flexibilidade espacial e temporal mas à necessidade de apresentar mecanismos que facilitem e flexibilizem o acesso, sem rigidez de horário e local, às informações necessárias à construção do conhecimento.

Figura 5



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 10 jan. 2019.

A possibilidade de permitir que o estudante organize sua rotina de forma que consiga conciliar as atividades acadêmicas com as atividades profissionais e as pessoais faz da EaD uma modalidade que tem conquistado cada vez mais adeptos, em especial o público fora da faixa de idade, que trabalha ou, até, que

já possui outra formação. É preciso, todavia, dimensionar bem as capacidades de operacionalizar outras tarefas, para que não haja sobreposição de atividades e acúmulo de compromissos, como mostra o exemplo da charge acima, figura 5.

Por fim, podemos afirmar, de forma categórica, que o sucesso de um curso na modalidade a distância depende da relação desses três Princípios: Autonomia, Interação e Flexibilização.

Outros fatores são também de grande importância para a oferta de curso nessa modalidade, porém destacamos, aqui, esses três por acreditar que são fundamentais para o processo de ensino e de aprendizagem na EaD.

Esses três Princípios básicos são, portanto, essenciais, para que um estudante/ cursista de EaD tenha uma experiência exitosa em um curso a distância. É preciso ter cuidado, portanto, com a organização do tempo, construindo-se um cronograma compatibilizando-se o tempo de estudo com de outras atividades da rotina, a fim de que não se comprometa a a qualidade de um ou de outro compromisso. Isso ninguém quer, correto?

Figura 6



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Gerenciamento de tempo!!!

Gerenciar o tempo é um fator determinante para o sucesso dos que fazem parte da EaD. Está relacionado à sistematização da rotina, de forma a maximizar resultados por meio de planejamento e execução das atividades em relação ao tempo. Afinal, a eficiência e a qualidade dos resultados obtidos são os objetivos de todos nós!

Pelo jeito, na lista de prioridades, Tico preferiu assistir à série na televisão e acabou atrasando suas atividades da EaD.

4 EXERCITANDO

- 1) Vimos alguns dos princípios que fazem parte do contexto da EaD. Qual você avalia como sendo determinante para ter escolhido um curso na modalidade a distância? Por quê?

Observe o quadro abaixo e responda às questões que seguem.

Há alguns princípios básicos que podem ajudar no Gerenciamento do Tempo do aluno online como:

- **Concentração:** permite convergir todas as forças para um determinado objetivo em um determinado momento. Pergunte-se: ***“Em que devo me concentrar?”***
- **Objetivo:** são os fins para os quais se dirigem as atividades e o ponto aonde se chegar. Pergunte-se: ***“Qual o meu objetivo?”***
- **Proteção:** permite obter resultados com menor esforço, assegurando melhor utilização do tempo. Pergunte-se: ***“O que devo evitar/eliminar para aumentar meu tempo produtivo?”***
- **Controle:** permite saber onde se emprega o tempo e se ações e esforços estão seguindo como planejado. Redireciona esforços. Pergunte-se: ***“Os resultados estão como planejei?”***

Fonte: <http://www.educacao-a-distancia.com/gerenciamento-do-tempo-em-cursos-a-distancia/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

- 2) Reflita sobre as questões relacionadas e indique, entre os quatro princípios, qual o seu maior desafio para gerenciar o seu tempo.
- 3) Responda às questões que seguem, direcionando suas reflexões para seu momento atual, considerando seus estudos ou seu trabalho.
- a) Em que devo me concentrar?
 - b) Qual o meu objetivo?
 - c) O que devo evitar/eliminar para aumentar meu tempo produtivo?
 - d) Os resultados estão como planejei?



5 APROFUNDANDO CONHECIMENTO

Como aprofundamento dos conceitos e reflexões que trouxemos nesta aula, indicamos as seguintes leituras:

- O artigo de José Manuel Moran, intitulado “O que é Educação a Distância”. Disponível no link <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. É uma leitura fundamental para se compreenderem as especificidades da Educação a Distância, especialmente no Brasil.
- O artigo “**A perspectiva do material didático para a EaD**: reflexão a partir da prática no curso de Licenciatura em Letras do IFPB” das professoras Mônica Pereira e Danielle Almeida, publicados pela Editora do IFPB no e-book Educação a distância: educação, prática e formação docente, disponível no link <http://editora.ifpb.edu.br/index.php/ifpb/catalog/book/32>. Essa leitura apresenta uma proposta prática de curso a distância, a partir dos princípios expostos neste capítulo, além de outros artigos com questões relacionadas à modalidade a distância.
- Por fim, indicamos a leitura, do artigo “Gerenciamento de tempo em cursos a distância” de Liliam Silva, publicado no link <http://www.educacao-a-distancia.com/gerenciamento-do-tempo-em-cursos-a-distancia/>.



6 TROCANDO EM MIÚDOS

Neste capítulo, apresentamos alguns conceitos relacionados à educação a distância e as suas especificidades. Vimos, também, a diferença entre a Educação presencial, semipresencial e a distância. Na sequência, apresentamos alguns dos Princípios da EaD (Autonomia, Interação e Flexibilização) e as relações que estes estabelecem no processo de ensino e aprendizagem. Por fim, apresentamos uma reflexão acerca do gerenciamento do tempo – fator determinante para o contexto que envolve a modalidade a distância.

7 AUTOAVALIANDO

Após a leitura deste capítulo, você já se sente seguro para apresentar a alguém as especificidades de cada modalidade de ensino? Você já havia refletido sobre a importância dos Princípios da EaD apresentados neste capítulo? Comente com alguém que tenha curiosidade sobre essa modalidade de ensino.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para o ensino Superior a Distância**. Brasília, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1996].

MORAN, José Manuel. **O que é Educação a Distância**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância: um olhar para os recursos multimodais**. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016a.

ALMEIDA, Danielle Lins Barbosa de. A perspectiva do material didático para a EaD: reflexão a partir da prática no curso de Licenciatura em Letras do IFPB. *In: ARAÚJO, Gertrudes H. Cavalcante de; OUVENEY-KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (org.) - João Pessoa: IFPB, 2016b.*

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

■ O Estudante na Educação a Distância

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Discutir as especificidades do estudante na EaD.
- Apresentar algumas características do perfil do estudante da EaD.

2 COMEÇANDO A HISTÓRIA

Já vimos um pouco da trajetória percorrida pela modalidade a distância no mundo e no Brasil; também discutimos alguns pontos pedagógicos que consideramos de grande relevância para a compreensão das peculiaridades da modalidade a distância, como, por exemplo, os princípios da EaD. Agora vamos falar sobre o protagonista desse contexto: o estudante. Neste capítulo, iniciaremos a Unidade II de Fundamentos da EaD e trataremos especificamente sobre os atores do contexto educacional a distância.

Para começo de conversa, vamos partir dos seguintes questionamentos:

- há diferença entre um estudante de um curso a distância e outro de um curso presencial?
- Qualquer pessoa pode fazer um curso a distância?

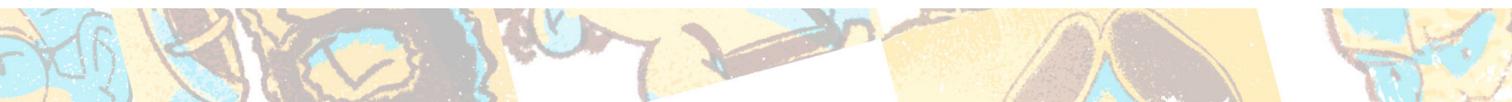
Para responder a esses e alguns outros pontos, vamos apresentar algumas ideias que tentaram elucidar essas questões que nos são bastante subjetivas.

3 TECENDO CONHECIMENTO

Vimos, no primeiro capítulo, que a aceitação da modalidade a distância no Brasil só teve maior destaque nas últimas décadas. Isso nos remete ao seguinte fato: Os estudantes que optam por um curso a distância são, certamente, oriundos do ensino presencial.

3.1 Estudante a distância e estudante presencial

Quando se decide por um curso na modalidade a distância, normalmente se tem em mente que o “jeito” de aprender é diferente, a dinâmica é diferente e vai de encontro ao que vivenciamos desde os primeiros contatos com a sala de aula, afinal, nossa formação básica, costumeiramente, é presencial. Ser oriundo do ensino presencial é um dos principais fatores que desafiam o estudante da EaD.



Um ponto importante que precisamos destacar ao pensar no estudante de um curso ou de outro é que, de fato, o que os diferencia é a modalidade na qual ele estuda. Então, a premissa maior dessa discussão é que o estudante não é a distância ou presencial, mas sim o curso ao qual ele está vinculado, que pode ser presencial ou a distância. Nessa perspectiva, a instituição de ensino deve reconhecer o aluno como indivíduo em formação, em evolução acadêmica, independente da modalidade de ensino, oferecendo-lhe as mesmas oportunidades, seja o curso presencial seja a distância.

Essa questão parece ser bem simples de se resolver; no entanto, o contexto não é tão bem definido assim. Por vezes, acontece de o estudante da EaD não se reconhecer da mesma forma como o estudante que frequenta presencialmente uma mesma instituição. Esse clima de pertencimento deve ser oportunizado pela própria instituição de ensino. É preciso que esta promova para esse estudante as mesmas oportunidades oferecidas a um estudante presencial, respeitando, claro, as especificidades da modalidade de ensino.

Então, espaços comuns como biblioteca, salas de aula presencial, refeitórios, auditórios, gabinetes médicos bem como programas de assistência estudantil, de incentivos à pesquisa e à extensão devem ser destinados aos estudantes sem privilegiar ou diferenciar a modalidade de ensino. Essa isonomia deve fazer parte da cultura da instituição e dos que fazem parte dela.

Bem...mas qual a diferença, então, entre os estudantes de cursos presenciais e de cursos a distância? Será que o estudante de cursos a distância tem realmente um perfil diferente do que faz um curso presencial? Chegou a hora de pensar nesse perfil. Vamos lá?

3.2 Perfil do estudante de um curso a distância

Com base no que vimos até o momento, conseguimos constatar que a forma com que o estudante da EaD lida com o aprendizado é diferente daquela do estudante da modalidade presencial. É sabido que, pelo modelo metodológico, a educação a distância requer do estudante uma **postura mais ativa** diante do que é desenvolvido em sua sala de aula, ou seja, no ambiente virtual.

Fazendo uma ponte com os princípios da EaD discutidos no capítulo 2, percebemos que a flexibilização dos horários de estudo, com a participação do docente, significativamente, no meio virtual, entre outras especificidades, faz com que o estudante tenha um ritmo diferente de estudo e assuma uma atitude mais participativa.

Reconhecendo essas nuances, apresentamos, a seguir, na Figura 1, algumas das características inerentes ao estudante de um curso na modalidade a distância.

Figura 1 – características esperadas do estudante da modalidade EaD



Fonte: <https://www.ead.com.br/ead/perfil-do-aluno-ead.html> (Adaptado). Acesso em: 15 jan de 2019.

- **Desenvolve a autonomia:** o aluno tem, durante maior parte do tempo, contato apenas virtual com professores, tutores e colegas. Para isso, precisa desenvolver a capacidade de autoinstrução. Como já visto, é preciso destacar que autonomia não deve ser considerada como um processo de isolamento. O estudante deve ser protagonista e condutor do seu processo de formação e construção do conhecimento.
- **Relaciona-se diferentemente com o professor:** normalmente, o estudante da EAD estabelece uma relação com os docentes, vendo-os mais na condição de orientadores de conteúdo. O processo de interação, por ser essencialmente virtual, é, notadamente, diferente da interação estabelecida com os professores da modalidade presencial.
- **Aprende a se planejar:** planejamento é o segredo para um bom aproveitamento em um curso a distância. Em função da flexibilização do tempo e do local de estudo, o estudante deve ter como premissa o bom gerenciamento do tempo. Como vimos no capítulo anterior, essa característica está relacionada à sistematização da rotina, de forma a maximizar resultados, por meio de planejamento e execução das atividades em relação ao tempo.
- **Desenvolve a proatividade:** o estudante da EAD precisa ter uma postura mais proativa diante dos compromissos do curso. Desenvolver essa habilidade é bastante interessante para que o estudante esteja no controle das atividades propostas pelo professor e, conseqüentemente, mantenha sua autonomia diante do aprendizado.

- **Interage virtualmente:** o estudante da modalidade a distância é, em geral, um estudante virtualmente presente. É por meio do processo de interação virtual que se mobilizam os conhecimentos, os papéis e funções sociais, fatores que permitem a formação de conhecimentos e da própria consciência do estudante.
- **Desenvolve habilidades com as TICs:** este é um grande diferencial, em especial para os estudantes que não possuem letramento digital. Apesar das dificuldades de alguns cursistas, todos os estudantes da EaD, no entanto, por terem as ferramentas digitais como mecanismo para aprendizagem, precisam desenvolver habilidades para o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Possuindo ou não esse domínio, as ferramentas utilizadas na EaD promovem letramentos que podem ampliar conhecimentos para lidar melhor com tecnologia e, conseqüentemente, oportunizar um leque maior de atuações no âmbito profissional.
- **Relaciona-se com um grupo mais heterogêneo** – nos cursos a distância, há uma diversidade maior no perfil dos discentes. Em uma mesma turma, podemos ter estudantes de diferentes cidades, regiões, idades bem como uma diversidade maior de pessoas com diferentes formações e qualificações profissionais.

Sabemos que os itens elencados acima não esgotam as especificidades do perfil do estudante da Educação a Distância. Muitas nuances podem ser consideradas nesse contexto tão heterogêneo e que se molda a cada curso que é ofertado na modalidade a distância.

Pensando nessas muitas possibilidades, qual seria outra característica que você listaria para o perfil do estudante da EaD?

3.3 Estilos de aprendizagem na Educação a Distância

É fato que todas as pessoas possuem estilos próprios para desempenhar as tarefas do cotidiano, e para estudar não seria diferente. Essa heterogeneidade de estilos não pode ser desconsiderada ao se pensar em um curso na modalidade a distância. As informações chegam até as pessoas de variadas formas assim como também varia o modo como essas informações são articuladas e mobilizadas para

construção do conhecimento. Vale lembrar que informações bem articuladas e mobilizadas atendendo a satisfatórias condições de interação geram conhecimento.

Considerando essa premissa, é importante observar o perfil do estudante e quais os estilos de aprendizagem podem ser desenvolvidos. Não adianta apresentarmos um estilo único de aprendizagem, pois, nessa situação, estaremos privilegiando o estudante que com este se identifique e o impossibilitando de desenvolver habilidades inerentes a outros estilos possíveis. Assim, é importante que se adotem metodologias capazes de atender aos variados estilos de aprendizagem dos estudantes.

Vamos, agora, conhecer um pouco desses estilos de aprendizagem? O objetivo deste capítulo não é apresentar uma discussão ampla sobre esse tema. É importante, entretanto, que se tenha conhecimento sobre este assunto, mesmo que de forma panorâmica.

Ao se pesquisar rapidamente, na literatura, sobre **estilos de aprendizagem**, você vai se deparar com uma variedade de definições.. Para esse momento, apresentaremos as acepções de Felder e Silverman (1987). Veremos que essa variedade de estilos na forma de apresentar e de lidar com as informações são organizadas, para esses autores, em quatro categorias, sistematizadas nas seguintes dimensões de estilos de aprendizagem:

Figura 2 – dimensões de estilos de aprendizagem



Vejamos, no Quadro 1, o que representa cada uma dessas etapas da sistematização da informação e suas respectivas dimensões de estilo de aprendizagem.

Quadro 1 – Descrição das dimensões de estilos de aprendizagem

CATEGORIA	DIMENSÃO	DESCRIÇÃO
Percepção da informação	Sensorial	Os estudantes aprendem fatos, resolvem problemas, são detalhistas, são práticos e preferem lidar com situações concretas; gostam de aprender com os fatos.
	Intuitiva	Os estudantes descobrem possibilidades e relações, lidam com novos conceitos e abstrações e são inovadores; preferem descobrir possibilidades e relações.
Retenção da informação	Visual	Os estudantes registram, na memória, o que veem, por meio de figuras, diagramas, fluxogramas, filmes e demonstrações, por exemplo.
	Verbal	Os estudantes registram as explicações orais ou escritas; tiram maior proveito das palavras, do texto verbal.
Processamento da informação	Ativa	Os estudantes discutem, aplicam conceitos e/ou os explicam para outras pessoas; trabalham em grupos.
	Reflexiva	Os estudantes precisam de um tempo, para, sozinhos, pensarem sobre as informações recebidas; preferem trabalhos individuais.
Organização da informação	Sequencial	Os estudantes tendem a trilhar caminhos mais longos: são organizados, aprendem mais facilmente os conteúdos apresentados de forma linear e em etapas sequenciais.
	Global	Os estudantes aprendem de forma aleatória, formam uma visão do todo, e resolvem problemas complexos; aprendem em grandes saltos, lidando de forma aleatória com os conteúdos.

Podemos observar que essa variedade de estilos pode parecer um dificultador para o professor organizar sua aula. De fato, é muito desafiador planejar uma aula, que, por exemplo, apresente todos os estilos de aprendizagem. É importante, todavia, que o professor abra mão de um modelo único e perceba o que melhor se adequa aos perfis e estilos de seus estudantes. Aquele velho planejamento do ano anterior não deve se perpetuar como caso de sucesso que se deve repetir. O que funciona bem com uma turma pode não funcionar tão bem com outra.

E você? Enquanto estudante, como você lida com as etapas de sistematização das informações? Qual seria, então, o seu estilo de aprendizagem? Quais dimensões você mobiliza para lidar com as informações?

3.4 A aprendizagem de jovens e adultos

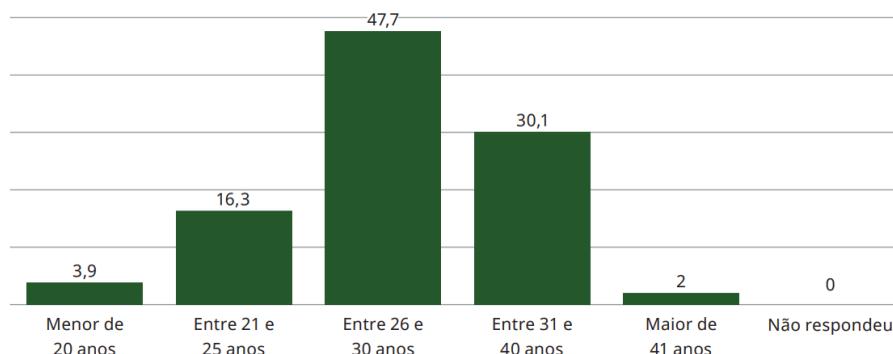
Você já ouviu falar no termo **Andragogia**? É bem provável que sim, mas vamos recordar? Andragogia vem do Do grego: *andros* – adulto e *gogos* – educar. O termo remete à educação de adulto, ao caminho educacional que busca compreender o universo educacional no qual o adulto está inserido.

E por que precisamos ou devemos fazer relação da Andragogia e a Educação a Distância? Como vimos nos capítulos anteriores, a EaD no Brasil é, praticamente, toda voltada para o público de jovens e adultos. Por essa razão, não devemos apenas considerar a especificidade da modalidade, mas também perceber as características que envolvem o contexto de uma sala de aula com estudantes jovens e adultos.

Na Andragogia, a aprendizagem adquire uma particularidade mais focada no aluno, na autonomia, e voltada para a aplicação prática na vida diária, oferecendo-lhe condições para enfrentar problemas reais de sua vida pessoal e profissional. Por essa razão, cabe ao professor reconhecer que os estudantes possuem diferenças individuais em termos de desenvolvimento, entender a necessidade de planejar a estratégia de ensino que possibilite ao estudante ativar fomentar o desenvolvimento das informações recebidas.

Vejamos, abaixo, o resultado do censo 2017-2018, organizado pela Associação Brasileira de Educação Distância - ABED, que apresenta a média de idade dos alunos de cursos regulamentados totalmente a distância, em percentual.

Figura 3 – resultado percentual do Censo 2017-2018 sobre média de idade de alunos a distância (ABED)



Fonte: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_EAD_BR_2018_digital_completo.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

Podemos observar que a grande maioria, 47,7%, tem alunos em idade média entre 26 e 30 anos, e 30% dos cursos têm alunos com idade média entre 31 e 40 anos. Os números expressam o público que frequenta as salas virtuais dos centros de ensino. Temos, em algumas situações, estudantes e professores dentro da mesma faixa de idade. Por essa razão, as relações devem ser horizontais, estabelecendo parcerias entre professor e estudante. De um modo geral, a metodologia de ensino e de aprendizagem fundamenta-se em eixos articuladores da motivação e da experiência dos estudantes adultos. São experiências e empenhos que se somam. Nesse contexto, os estudantes aprendem não somente recebendo informações; é preciso oportunizar um espaço em que se compartilhem experiências e conceitos.

4 EXERCITANDO

- 1) Leia a charge abaixo e responda à questão.

Figura 4



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Com base no perfil do estudante da EaD, qual característica é evidenciada na charge? Você considera que há diferença com a modalidade presencial? Por quê?

- 2) Retome os conceitos sobre os Estilos de Aprendizagem e relacione as colunas abaixo.

1. Sensorial	() os estudantes aprendem de forma aleatória, formando uma visão do todo, e resolvem problemas complexos; aprendem em grandes saltos, lidando de forma aleatória com os conteúdos.
2. Intuitiva	() os estudantes aprendem fatos, resolvem problemas, são detalhistas, são práticos e preferem lidar com situações concretas; gostam de aprender com os fatos.

3. Visual	() os estudantes tendem a trilhar caminhos mais longos: são organizados, aprendem mais facilmente os conteúdos apresentados de forma linear e em etapas sequenciais.
4. Verbal	() os estudantes registram as explicações orais ou escritas, tiram maior proveito das palavras, do texto verbal.
5. Ativa	() os estudantes registram, na memória, o que veem, por meio de figuras, diagramas, fluxogramas, filmes e demonstrações, por exemplo.
6. Reflexiva	() os estudantes discutem, aplicam conceitos e/ou os explicam para outras pessoas; trabalham em grupos.
7. Sequencial	() os estudantes precisam de um tempo, para sozinhos, pensarem sobre as informações recebidas; preferem trabalhos individuais.
8. Global	() os estudantes descobrem possibilidades e relações; lidam com novos conceitos e abstrações e são inovadores; preferem descobrir possibilidades e relações.

5 APROFUNDANDO CONHECIMENTO

Como aprofundamento dos conceitos e reflexões que trouxemos neste capítulo sobre o estudante da EaD, indicamos a leitura do artigo “Perfil do aluno de ensino a distância é diferente do aluno do ensino presencial”, publicado no link <https://www.ead.com.br/ead/perfil-do-aluno-ead.html>.

Indicamos, também a leitura, do artigo de Adriana Casale Kalatzis (EESC-USP) e Renato Vairo Belhot (EESC-USP), intitulado “Estilos de aprendizagem e educação a distância: perspectivas e contribuições”. Disponível no link: <https://revista.feb.unesp.br/index.php/gepros/article/view/128/90>.

6 TROCANDO EM MIÚDOS

Neste capítulo, iniciamos a Unidade II de Fundamentos da EaD, que trata especificamente sobre os atores que fazem parte do contexto da EaD. Iniciamos trazendo uma reflexão sobre o paralelo *estudante presencial e estudante a distância*. Traçamos algumas características que fazem parte do perfil do estudante da EaD.

Na sequência, foram apresentados os **estilos de aprendizagens**, relacionando-os ao contexto de ensino da EaD. E, por fim, refletimos um pouco sobre as especificidades da aprendizagem de jovens e adultos e a Andragogia.



7 AUTOAVALIANDO

Se você é cursista de algum curso na modalidade EaD, depois do que vimos até o momento, como você avalia seu perfil comparando-o à modalidade presencial? Depois de responder aos questionamentos lançados anteriormente na seção sobre Estilos de Aprendizagem, você reconhece que há diferença no seu estilo de aprender na modalidade presencial e na EaD?



REFERÊNCIAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2017. Curitiba: InterSaberes, 2018.

FELDER, R. M.; SILVERMAN, L. K. Learning and teaching styles in Engineering Education. Presented at the 1987 **Annual Meeting of the American Institute of Chemical Engineers**, New York, N.Y., nov 1987.

MORAN, José Manuel. **O que é Educação a Distância**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância**: um olhar para os recursos multimodais. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016a.

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

■ Outros atores na Educação a Distância

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Discutir as especificidades de alguns dos atores da EaD.
- Apresentar algumas características do perfil dos profissionais da EaD.

2 COMEÇANDO A HISTÓRIA

Seguimos o nosso passeio discutindo mais alguns detalhes sobre os atores que fazem parte do universo da Educação a Distância.

Neste momento, capítulo 4, daremos continuidade à Unidade II de Fundamentos da EaD e trataremos especificamente sobre os atores do contexto educacional a distância. No terceiro capítulo, discutimos um pouco sobre as particularidades do estudante da EaD. E agora? Quem mais faz parte desse contexto?

Vamos começar nossa conversa, observando a charge abaixo.

Figura 1



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Além de divertida, a charge nos apresenta uma situação que, para os não familiarizados com a EaD, pode evidenciar uma grande diferença se comparada com o ensino presencial. Em uma sala de aula presencial, a interação/relação ocorre entre professor e estudante. Normalmente, não há um intermediário para se resolverem problemas como apresentado na charge, não é verdade? Pois bem.... Eis que, na EaD, surgem outros profissionais que compõem seu quadro de atuação, seja no âmbito pedagógico seja no administrativo.

E você? Imagina ou conhece os profissionais que estão por trás dos bastidores do Ambiente Virtual de Aprendizagem? Vamos falar um pouco sobre eles?

3 TECENDO CONHECIMENTO

Já discutimos vários pontos que denominam a EaD e, agora, questionamos: quem são os atores que constituem e constroem essa modalidade de ensino?

Existem papéis e funções diferentes a depender do modelo de EaD adotado pelo curso? Vamos apresentar alguns desses profissionais e seus respectivos papéis no contexto educacional da EaD.

3.1 Estão todos no mesmo barco?

Para tentar responder a essa pergunta, vamos conhecer um pouco do que os documentos normativos apresentam sobre a modalidade a distância e, especialmente, sobre os atores desse processo. Destacamos, aqui, os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, documento publicado em 2007, que, embora seja um documento que não tem força de lei, é referencial norteador para subsidiar atos legais do poder público no que se refere aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da EaD.

De acordo com os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007, p. 19, sic), “(e)m educação a distância, há uma diversidade de modelos, que resulta em possibilidades diferenciadas de composição dos recursos humanos necessários à estruturação e funcionamento de cursos nessa modalidade”. Dessa forma, já podemos perceber que não há um modelo único, imutável ou que atenda a todas as necessidades de um curso.

Nessa perspectiva, podemos inferir que

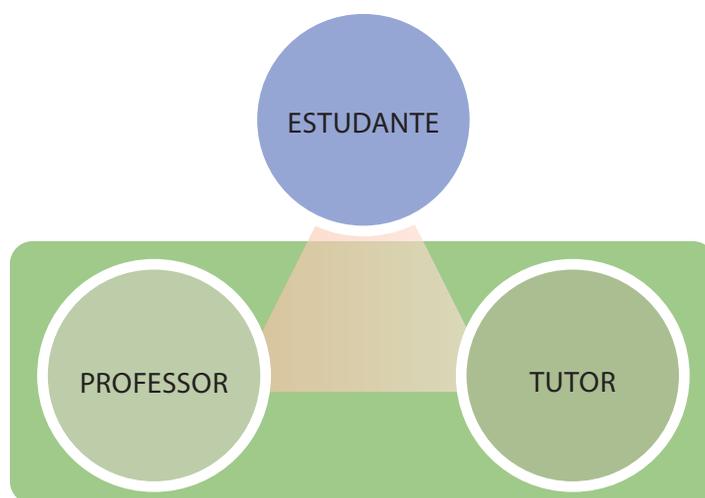
o quadro de pessoas bem como a estrutura física dependem das especificidades do curso, dos objetivos que pretende alcançar, do perfil dos estudantes, das particularidades sociais e geográficas da região na qual a instituição está inserida, ou seja, varia de acordo com o contexto do curso.

De imediato, já afirmamos que é necessária a presença de um professor e de um estudante. Será que há modelos de EaD em que não há professor? No Vale do Silício, na Califórnia, há uma instituição em que não há professor. Nela tudo é gratuito, não há livros e os alunos trabalham sempre em grupo e avaliam os trabalhos uns dos outros. Esse exemplo não é suficiente para afirmar ou negar a presença do professor, uma vez que o material didático, a aula postada, os conteúdos disponíveis foram pensados, planejados e produzidos por um docente. Então, podemos afirmar que a figura do professor, uma hora ou outra, entra em cena.

Pensando nisso, vamos nos basear no que os Referenciais (2007, p. 10, grifo nosso) apresentam para essa relação do docente e do discente na EaD:

“(t)endo o estudante como centro do processo educacional, um dos pilares para garantir a qualidade de um curso a distância é a interatividade entre professores, tutores e estudantes”.

Figura 2 – Interatividade entre atores da EaD



Fonte: Autoria própria

Até aqui, podemos constatar que, no contexto de aula, esse tripé é a base de sustentação do desenvolvimento das atividades de um curso a distância. Um ponto que deve ser destacado é que, muitas vezes, os papéis se intercalam, e o corpo docente – professor e tutor – mescla suas atividades; também acontece de um mesmo profissional exercer os dois papéis. O que não se pode perder de vista é que esses atores são fundamentais e que a relação entre eles deve ser baseada na interação.

Ainda tendo como base os Referenciais (2007), podemos observar que o estudante é colocado como centro no processo de ensino e de aprendizagem e, como vimos no capítulo 3, ele deve ser o protagonista no processo educacional. Sendo assim, o corpo docente – professor e tutor – deve atuar como mediador desse processo do qual o estudante faz parte. Veremos mais à frente algumas atribuições inerentes à função dos profissionais da EaD.

As ações apresentadas pelos Referenciais (2007) para a função dos docentes:

- a)** estabelecer os fundamentos teóricos do projeto;
- b)** selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas;
- c)** identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes;
- d)** definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares;
- e)** elaborar o material didático para programas a distância;
- f)** realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes;
- g)** avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância.

Observando o quadro acima, percebemos que, para realizar muitas dessas ações, o docente necessita de outros profissionais. Esse espírito colaborativo define boa parte das atividades que fazem parte do contexto da EaD. Na sequência, conheceremos um pouco desse corpo funcional que chamaremos de equipe multidisciplinar.

Vale destacar, ainda sobre a Figura 2, o tutor como parte constituinte desse tripé e não menos importante do que os demais. Os referenciais (2007) apresentam como responsáveis pela atuação de tutoria dois agentes: o tutor a distância e o tutor presencial.

O tutor deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico. Um sistema de tutoria necessário ao estabelecimento de uma educação a distância de qualidade deve prever a atuação de profissionais que ofereçam tutoria a distância e tutoria presencial (Referenciais, 2007, p. 21, sic).

Vejamos o que desempenha cada um deles, de acordo com o que orientam os Referenciais:

Tutor a Distância:

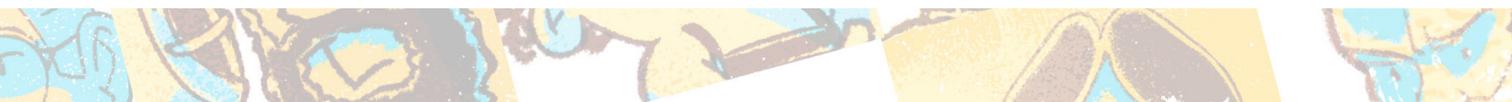
[...] principal atribuição deste profissional é o esclarecimento de dúvidas através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico. O tutor a distância tem também a responsabilidade de promover espaços de construção coletiva de conhecimento, selecionar material de apoio e sustentação teórica aos conteúdos e, freqüentemente, faz parte de suas atribuições participar dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem, junto com os docentes (Referenciais, 2007, p. 21-22).

Tutor presencial:

[...] atende os estudantes nos pólos, em horários pré-estabelecidos. Este profissional deve conhecer o projeto pedagógico do curso, o material didático e o conteúdo específico dos conteúdos sob sua responsabilidade, a fim de auxiliar os estudantes no desenvolvimento de suas atividades individuais e em grupo, fomentando o hábito da pesquisa, esclarecendo dúvidas em relação a conteúdos específicos, bem como ao uso das tecnologias disponíveis. Participa de momentos presenciais obrigatórios, tais como avaliações, aulas práticas em laboratórios e estágios supervisionados, quando se aplicam. O tutor presencial deve manter-se em permanente comunicação tanto com os estudantes quanto com a equipe pedagógica do curso (Referenciais, 2007, p. 21).

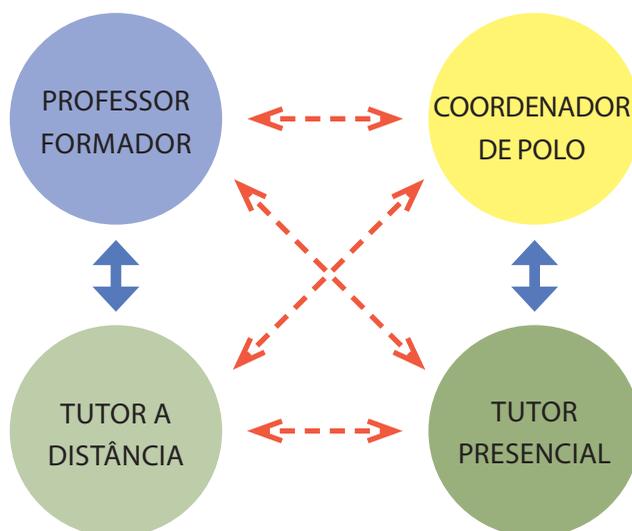
Observando as atuações dos dois profissionais, percebemos que ambos devem ser sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem, de modo que acompanhem e avaliem, a distância ou presencialmente, os estudantes – em razão disso são indispensáveis na Educação a Distância.

Os tutores têm a missão de, em parceria com o professor formador, oportunizar um espaço educacional, por meio de interação ativa com o estudante, de forma que este não se sinta isolado, mas que consiga desenvolver sua autonomia. Para isso, a parceria, no sentido mais amplo do seu significado, deve ser o fio condutor das relações entre esses profissionais, para que não haja sobreposição de autoridade, muito menos conflito de competências entre eles. O diálogo é determinante para que se defina, entre as partes, o campo de atuação de cada um. E, claro, se as ações desempenhadas por cada ator forem bem definidas, o risco de conflito diminui consideravelmente.



Em linhas gerais, podemos sistematizar as relações entre os profissionais da seguinte forma:

Figura 3 – Relações entre os atores de cursos EaD



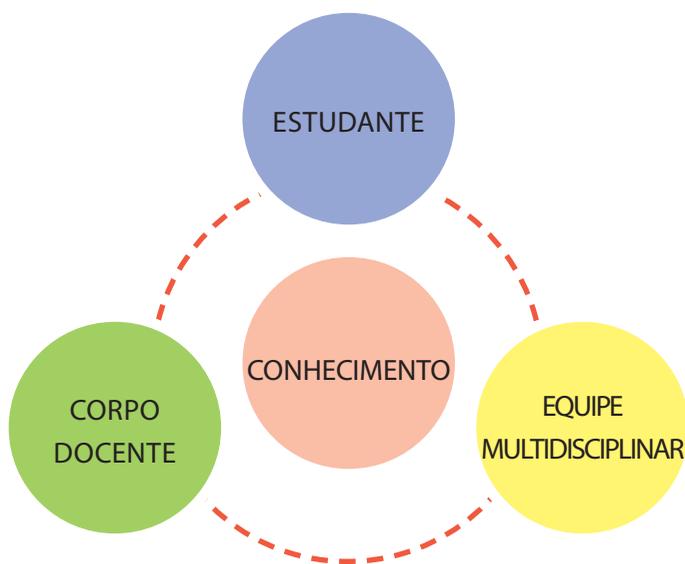
Fonte: Autoria própria

Observando a figura 3, percebemos que a relação direta entre o tutor a distância é com o professor formador, e a do tutor presencial com o coordenador de polo. Isso não engessa a comunicação entre os profissionais. Ações diretas, no entanto, são organizadas a partir desses pares. Dessa forma, cada componente curricular possui um professor formador e um tutor a distância. O mesmo não acontece com a tutoria presencial, uma vez que as ações preconizadas para esse profissional estão diretamente relacionadas às atividades presenciais no polo de apoio presencial, de forma que o tutor presencial não atue diretamente com o conteúdo proposto no componente curricular como acontece com o tutor a distância.

Como foi dito anteriormente, as ações do tutor a distância se aproximam muito das ações do professor formador. Por essa razão, em algumas situações, o mesmo profissional pode desempenhar as duas funções.

Ainda sobre a figura 3, você deve ter percebido um novo profissional não mencionado anteriormente: o coordenador de polo. Esse profissional faz parte de um grupo que chamamos de equipe multidisciplinar. Com ele, estão outros profissionais que apresentaremos mais adiante. Agora já podemos ampliar esse contexto e perceber demais profissionais que estão diretamente envolvidos com o processo educacional da EaD. Vejamos a figura a seguir.

Figura 4 – Participantes de curso EaD



Fonte: Autoria própria

Nosso contexto de atores da EaD está, agora, mais consistente, não é? A relação entre todos os envolvidos deve ter o propósito de criar um espaço educativo para que as informações e conteúdos sejam transformados em conhecimento.

Embora no Ambiente Virtual de Aprendizagem, sobre o qual falaremos em capítulos posteriores, o protagonismo seja do estudante e do corpo docente (professor formador e professor tutor), os demais profissionais são essenciais para o sucesso de um curso a distância. Veremos que se trata, de fato, de uma equipe multidisciplinar.

De acordo com a Portaria Nº 183, de 21 de outubro de 2016, que regulamenta as diretrizes para concessão e pagamento de bolsas aos participantes da preparação e execução dos cursos e programas de formação superior, inicial e continuada, no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), a equipe multidisciplinar necessária para o andamento de um curso a distância deve ser composta pelos seguintes profissionais:

Quadro 1 – Atribuições de cada participante da equipe multidisciplinar

Professor Formador	Atua em atividades típicas de ensino, participantes de projetos de pesquisa e de desenvolvimento de metodologias de ensino na área de formação inicial e continuada de professores de educação básica.
Tutor	Atua em atividades típicas de tutoria desenvolvidas no âmbito do Sistema UAB.
Professor Conteudista	Atua em atividades de elaboração de material didático, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa, relacionadas aos cursos.
Coordenadoria de Polo	Atua em atividades de coordenação e supervisão de infraestrutura a ser disponibilizada em perfeitas condições de uso para viabilizar atividades realizadas no âmbito do polo.
Coordenadoria de Tutoria	Atua em atividades de coordenação de tutores dos cursos e no desenvolvimento de projetos de pesquisa relacionados aos cursos
Coordenadoria de Curso	Atua em atividades de coordenação dos cursos
Coordenadoria de Geral	Responsável institucional pelos aspectos administrativos, financeiros e pedagógicos, assim como desenvolvimento de projetos de pesquisa relacionados aos cursos.
Coordenadoria Adjunta	Auxilia a coordenadoria geral nas suas atividades atinentes, assim como desenvolvimento de projetos de pesquisa relacionados aos cursos.
Assistente à Docência	Atua em atividades típicas de ensino, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa, relacionadas aos cursos

Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=49711-port-capes-183-uab-24out-pdf&category_slug=outubro-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 jan. 2019.

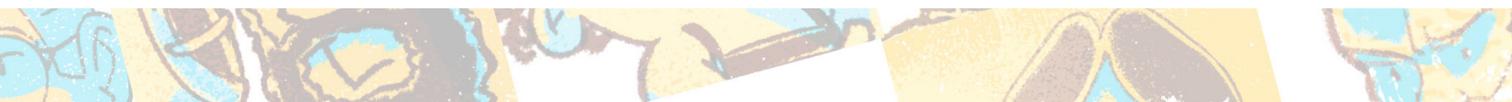
Você pode pensar: existem outros profissionais envolvidos no funcionamento de um curso na EaD? A resposta é sim! Essa lista não é exaustiva. A depender da necessidade do curso e das especificidades da instituição de ensino, outros profissionais podem ser inseridos nesse quadro multidisciplinar. Vejamos algumas funções que podem ser necessárias em um curso da EaD:

Quadro 2 – Funções também necessárias a um curso de EaD

Administração de redes	Desenvolvedor de plataforma
Administrativo/ Financeiro	Diagramador
Administrativo/secretaria	Editor de TV
Analista educacional	Jornalista
Apoio acadêmico	Marketing
Assessoria técnica pedagógica	Monitores
Atendimento a discentes	Orientadora pedagógica
Cadastro dos alunos na plataforma	Produtores de vídeo
Central de atendimento ao aluno;	Revisor de normas técnicas;
Comercial	Revisor de texto
Coordenação do núcleo de E D	Técnico para apoio aos recursos
Desenhista instrucional	tecnológicos e transmissão satelital

Fonte: abed.org.br (2018).

Os profissionais multidisciplinares desempenham papéis designados pelas suas funções, deixando, nos processos educacionais, suas marcas de singularidade e reforçando a identidade do curso, bem como atuando como facilitadores diante das peculiaridades inerentes a um curso na modalidade a distância.



4 EXERCITANDO

- 1) Analise, cuidadosamente, a situação-problema abaixo.

Eadite, nossa colega virtual, não conseguiu entregar, nesta semana, a atividade avaliativa obrigatória devido a problemas pessoais. Ela enviou uma mensagem para o seu professor tutor e para o seu professor formador, mas não recebeu nenhuma resposta. Em razão disso, corre o risco de ser reprovada no curso.

Diante dessa situação, **Eadite** pediu o conselho de dois colegas de curso para tentar encontrar uma solução para o seu caso.

- O colega 1 sugeriu que ela entrasse em contato com a coordenação do curso para tentar resolver o seu problema. Assim, a coordenação conversaria com o formador e com o tutor para saber a causa da falta de comunicação e, ainda, poderia consultá-los sobre a possibilidade de prorrogação do prazo de entrega da atividade.
- O colega 2 disse para ela denunciar o formador e o tutor, bem como expor os problemas do curso, especialmente de interação, por meio de uma carta de repúdio em uma rede social. Dessa forma, a coordenação iria pressionar o formador e o tutor a mudarem de postura e aumentaria a probabilidade de o prazo de entrega da atividade ser prorrogado.

Agora, a partir das leituras e das discussões realizadas neste capítulo, que posicionamento você tomaria em tal situação? Reflita sobre isso.

5 APROFUNDANDO CONHECIMENTO

Para conhecer outras trilhas de conhecimento, indicamos a leitura do artigo “Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EaD”, de Patricia Alejandra Behar et alii, disponível no link: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/13912/7819>. O artigo argumenta que as competências que devem ser desenvolvidas pelos atores que fazem a EaD são diferentes das exigidas na Educação Presencial. Ele mostra como tais competências necessárias na EaD se distinguem por estarem relacionadas ao uso das novas tecnologias, proporcionando uma nova interação no tocante ao tempo e ao espaço.

6 TROCANDO EM MIÚDOS

Neste capítulo, tratamos, especificamente sobre os atores que fazem parte do contexto dessa modalidade. Iniciamos, trazendo uma reflexão sobre as especificidades de alguns dos atores da EaD. Apresentamos, ainda, algumas características que fazem parte do perfil dos profissionais da EaD.

Na sequência, foram apresentados os perfis de outros profissionais que compõem a equipe multidisciplinar e como se dá a relação entre os envolvidos nesse contexto educacional: estudante, docentes e equipe multidisciplinar.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de; OUVÉNEY-KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (orgs). **Educação a distância**: educação, prática e formação docente. João Pessoa: IFPB, 2016b.

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2017. Curitiba: InterSaberes, 2018.

BEHAR, Patricia Alejandra *et al.* **Competências**: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/13912/7819>. Acesso em: 21 nov. 2017.

BR SIL, Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para o ensino Superior a Distância**. Brasília, 2007.

MORAN, José Manuel. **O que é Educação a Distância**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância**: um olhar para os recursos multimodais. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016.

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

Ferramentas e softwares utilizados na Educação (a Distância)

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Discutir o uso das tecnologias no contexto educacional a distância;
- Discutir os usos das Tecnologias da Informação e da Comunicação no ambiente escolar (presencial e a distância);
- Apresentar algumas ferramentas e softwares utilizados no contexto escolar.

2 COMEÇANDO A HISTÓRIA

Vimos, no Capítulo 2 deste livro, algumas possibilidades do ensino em suas modalidades. Discutimos a diferença entre a educação a distância, a presencial e a semipresencial. O que diferencia uma da outra. Até aqui, podemos concordar com um ponto: o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação é comum a todas elas. Por essa razão, não limitaremos o nosso olhar apenas para os cursos na modalidade a distância, trataremos, também, sobre possibilidades de uso das tecnologias em outros modelos educacionais.

3 TECENDO CONHECIMENTO

3.1 O ambiente para Educação a Distância

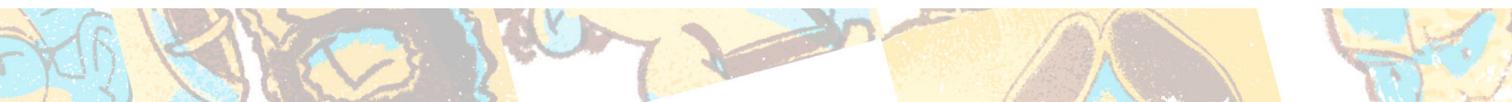
Já vimos nos capítulos anteriores que, além de outras especificidades inerentes às modalidades de ensino, o que diferencia a Educação a Distância é o contexto de sala de aula.

Mediada pelas tecnologias, a EaD é desenvolvida em um contexto educacional convencionado de Ambiente Virtual de Aprendizagem, também reconhecido como AVA. Nos próximos capítulos – 6 e 7 –, falaremos, especificamente, sobre esse ambiente educacional, em especial o Moodle. Por ora, discutiremos outras questões e apresentaremos algumas Ferramentas e softwares utilizados no contexto escolar bem como *site* e aplicativos.

No capítulo 1, vimos que a disseminação das tecnologias digitais e o advento da internet foram os grandes impulsionadores da educação a distância. Em linhas gerais, o que viabiliza a prática pedagógica na EaD é o uso da tecnologia.

Diante do contexto tão diversificado de ferramentas digitais, ater-se ao uso exclusivo do Ambiente Virtual de Aprendizagem, ainda que seja na modalidade a distância, pode ser um uso limitado das muitas possibilidades que as ferramentas digitais nos disponibilizam.

Vamos seguir nosso percurso nessa temática e refletir sobre o que podemos fazer em um contexto de sala de aula virtual ou presencial.



3.2 As Tecnologias da Informação e da Comunicação para além da EaD

Vamos discutir, nas breves linhas adiante, um pouco sobre o que seja Ensino Híbrido. O que vem a ser Ensino Híbrido? Por que é híbrido? Vamos tentar responder a estas perguntas, discutindo, inicialmente, sobre o uso de tecnologias na educação de modo geral, não apenas na modalidade a distância.

Não é difícil constatar que, cada vez mais, o uso das tecnologias digitais é mais recorrente em nossas vidas. E, no contexto educacional, essa realidade não é diferente. Arriscamos dizer que a presença dos celulares em sala de aula chega a ser um problema para os professores. Afinal, quem nunca se deparou com a situação em que precisa disputar atenção com os equipamentos? Há casos em que alguns professores precisam recolher os aparelhos de celular para que o andamento da aula seja possível e a disputa de atenção seja evitada. Que tal, então, ter as tecnologias da informação e da comunicação como aliados nesse novo jeito de “fazer pedagógico”?

Outro fator importante a ser observado é que, normalmente, a realidade das escolas, em especial as escolas públicas, não condiz com a realidade fora do ambiente escolar dos alunos e dos professores. É nesse momento que os usos das TICs na educação se apresentam como uma alternativa à limitação de equipamentos tecnológicos nas escolas.

Vamos, então, compreender as particularidades do ensino híbrido, conhecendo o conceito da palavra híbrido no contexto educacional:

O **ensino híbrido**, ou *blended learning*, é uma das maiores **tendências** da Educação do **século 21**, que promove uma mistura entre o **ensino presencial** e propostas de **ensino online** – ou seja, integrando a Educação à tecnologia, que já permeia tantos aspectos da vida do estudante.

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/104/ensino-hibrido-entenda-o-conceito-e-entenda-na-pratica>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Neste sentido, o Ensino Híbrido propõe a mistura de atividades, de situações com e sem uso da tecnologia, de diferentes ambientes de aprendizagens e de recursos utilizados em atividades distintas. Nesse modelo de ensino, encontramos não só uma nova possibilidade de dar aula, encontramos uma proposta que atende a uma sociedade híbrida: de culturas, de linguagens, de recursos e de acessos às tecnologias, de multiletramentos.

Já podemos constatar que o Ensino Híbrido aponta para algumas possibilidades, algumas alternativas de inserir tecnologias, mais precisamente computadores e, preferencialmente, da internet na sala de aula, mesmo que em números inferiores à quantidade de estudantes nesse espaço físico.

Você deve pensar: o Ensino Híbrido é exclusivo para sala de aula? A resposta é não! Sabemos que o ambiente de ensino ultrapassa os muros da escola. Os outros ambientes em que o estudante está inserido podem ser considerados uma extensão do escolar, ou seja, as atividades propostas em sala de aula podem ser ampliadas em casa, ou o contrário. Para essa última possibilidade, encontramos o conceito de **sala de aula invertida**.

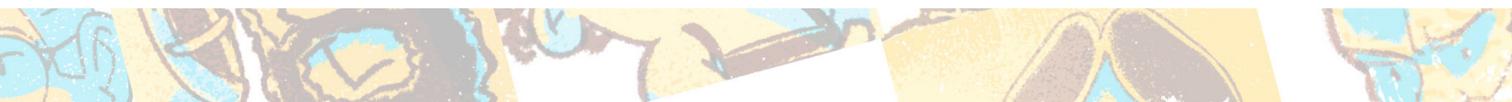
Como alternativa, uma nova didática vem sendo adotada de forma crescente em vários países, colocando-se como uma das tendências da educação: a *sala de aula invertida (flipped classroom)*. Nela, o aluno estuda os conteúdos básicos antes da aula, com vídeos, textos, arquivos de áudio, games e outros recursos. Em sala, o professor aprofunda o aprendizado com exercícios, estudos de caso e conteúdos complementares. Esclarece dúvidas e estimula o intercâmbio entre a turma.

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/sala-de-aula-invertida-educacao-do-futuro.html>. Acesso em: 05 ago. 2019.

O que isso impacta nas atividades de sala de aula? Vamos relacionar alguns pontos que julgamos relevantes:

- benefícios para os alunos dos recursos que só a tecnologia pode oferecer;
- reconhecimento de que a construção do conhecimento se complementa nos ambientes de sala de aula e fora dela, nos momentos *online* e *offline*, ou seja, com e sem recursos tecnológicos;
- construção colaborativa, coletiva e o compartilhamento de conhecimentos;
- envolvimento dos alunos nas atividades propostas – os alunos se tornam atuantes, ativos e, por essa razão, não têm o professor como elemento central;
- reafirmação da ideia de que as pessoas são diferentes e que aprendem em ritmos e de formas diferentes;
- estímulo à autonomia do estudante, permitindo que ele seja condutor do ritmo e das estratégias de estudo.

Essas implicações não são exaustivas. Assim como são muitas as possibilidades dos usos das tecnologias, também é imensurável seu resultado. Sabemos que



cada estratégia de ensino por meio das tecnologias deve levar em consideração as especificidades dos envolvidos, do ambiente escolar, da natureza do que é ensinado, os letramentos do professor e dos estudantes, entre outras variáveis.

3.3 Algumas ferramentas e softwares utilizados no contexto escolar

Chegou o momento de apresentarmos algumas ferramentas que podem ser utilizadas no contexto escolar. Vamos observar que muitas delas não foram desenvolvidas especificamente para serem utilizadas em sala de aula (virtual ou presencial). Por fazerem parte da vida social do estudante e do professor, podem, entretanto, ser inseridas nas práticas educativas.

Facebook

O Facebook é uma rede social que tem por objetivo reunir pessoas a seus amigos e àqueles com quem estudam, trabalham e convivem, ou seja, proporcionar uma interação social entre determinadas pessoas que já possuam uma certa relação ou façam parte de um determinado grupo social. As pessoas participam do Facebook para manter contato, compartilhar fotos, *links*, vídeos.

O uso do Facebook na educação tem conquistado cada vez mais espaço e traz como vantagens o acesso a uma grande base de usuários dessa rede social, associado à familiaridade que os participantes possuem com todo o seu ambiente. Destacamos o fato de que muitos usuários já fazem parte dessa grande rede, independentemente da utilização para propósitos educativos. Então, a ideia é aproveitar o contexto, mesmo que virtual, no qual o aluno já está inserido e com o qual está ambientado. Além disso, os alunos passam a ver com muito mais interesse as opiniões e informações disponibilizadas pelo professor e demais colegas e, conseqüentemente, assimilam, de forma mais natural, os conhecimentos.

Que tal reservar um tempinho e ler um guia prático de utilização do Facebook na educação, elaborado pela empresa Facebook? Para ler o artigo, acesse o link <https://educotraducoes.files.wordpress.com/2012/05/facebook-para-educadores.pdf>

Para entender melhor como funciona a interação no Facebook, vejamos o que Duarte *et al.* (2018) dizem sobre o assunto.

O Facebook, como toda rede social, tem o mister de promover a interação entre os seus usuários, que, especificamente nessa rede social, é promovida pelas ações de curtir, comentar e compartilhar. O curtir, originalmente, marcado apenas pelo símbolo que representa a gestualidade de positivo (mão fechada com o dedo polegar levantado), é uma apreciação não verbal que tem como significado a concordância com o conteúdo da publicação. Não obstante essa forma tradicional, hoje, o curtir oferece ao usuário outras reações, que podem ser: a) positivas, como o próprio curti, o amei, o Ahah; b) negativas, representando insatisfação, como o triste e o Grr (irritação); c) concordância ou não com a publicação, a depender do contexto, o Uau (Duarte *et al.*, 2018, p. 199, sic).

Diante das funcionalidades que o Facebook oferece, é possível compreender quanto essa rede social pode ser inserida como ferramenta para fins educacionais. Além de permitir ao professor interagir com os alunos de forma assíncrona, é possível intensificar práticas que podem motivar a participação dos alunos, já que a grande maioria dos estudantes possui uma “conta” (inscrição) nessa rede social.

Importante destacar, também, que o Facebook pode ser utilizado em práticas educativas para cursos presenciais bem como na Educação a distância, como ferramenta adicional, complementar ao Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Se você ainda não possui uma conta, acesse a página <https://www.facebook.com/>, crie sua conta e veja as muitas possibilidades que podem ser desenvolvidas por meio dessa rede social.

Youtube

O que explica a origem de seu nome é a junção dos nomes *you* (você) e *tube* (tubo), ou seja, algo do tipo “televisão feita por você”. O site permite que os usuários carreguem seus próprios vídeos na rede, de forma que podem ser visualizados por qualquer pessoa no mundo inteiro. Também permite a edição de perfil do usuário, o controle do acesso e das visualizações do canal do usuário.

Para acessar o site do Youtube, digite o endereço www.youtube.com no seu navegador web.

Na sala de aula, acontecem situações em que alguns alunos não conseguem acompanhar o conteúdo. Para minimizar essas dificuldades de aprendizagem, o professor pode disponibilizar, no Youtube, vídeos das aulas e experimentos

realizados em sala de aula, permitindo ao aluno complementar sua aprendizagem, ao rever a explicação, ou ter acesso ao conteúdo antes das aulas, como acontece na sala de aula invertida.

Além dessa aplicabilidade, há casos em que as escolas não possuem acesso a recursos, por exemplo, de laboratórios. Por meio de vídeos disponibilizados na Internet, o aluno pode conhecer a situação sociopolítica do Brasil, apresentada por algum crítico ou jornalista; observar o dia a dia de uma comunidade indígena na floresta Amazônica; ou acompanhar alguma reação química de eletrólise com aparelhos e vidrarias. Dessa forma, é possível transformar conteúdos tradicionalmente teóricos em atividades mais concretas e práticas.

No final de 2013, o Google do Brasil, em parceria com a Fundação Lemann, lançou o Youtube Edu, plataforma de vídeos exclusivamente educacionais. Atualmente, o canal já ultrapassa a marca de 362 mil seguidores.

Se você estiver fazendo uma pesquisa para um projeto, precisando de ajuda em sua tarefa escolar ou apenas querendo aprender algo novo, aqui é o seu lugar! Se você é professor, no YouTube Edu, você poderá submeter suas videoaulas para publicação, ou ainda escolher outras aulas para utilizar com seus alunos! O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o Google, para a criação de uma página exclusiva do YouTube, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. A curadoria dos vídeos foi feita por professores especialistas e altamente capacitados, selecionados pelo Sistema de Ensino Poliedro e coordenados pela Fundação Lemann. Os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa.

Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8Ajlwg/about. Acesso em: 05 fev. 2019.

Os vídeos são separados por disciplina. Todos os conteúdos disponíveis no canal são avaliados por uma equipe de curadores que validam o conteúdo, garantindo ao usuário a segurança de que o conteúdo disponibilizado não apresenta nenhuma informação errada. Sabemos que nem tudo que está na internet é confiável, por essa razão, ter a segurança de que a informação que chegará ao estudante é confiável é de grande relevância. Afinal, o mundo da web está “recheado” de informações que precisam ser validadas.

Aproveite e se inscreva na plataforma de vídeos educacionais Youtube Edu (https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8Ajlwg) para acompanhar os conteúdos publicados.

Ferramentas da Google

A empresa Google, reconhecidamente utilizada como ferramenta de busca e pesquisa pela internet, disponibiliza uma variedade de serviços e ferramentas que podem ser utilizadas no contexto educacional e são interligadas umas com as outras. O usuário que possui uma conta de e-mail cadastrada no Google tem acesso aos serviços e ferramentas que fazem parte do pacote especificamente criado para professores e alunos. Vejamos algumas dessas ferramentas:

<p>G Suite for Education</p>	<p>Pacote de aplicativos do Google composto por ferramentas de comunicação e colaboração que pode ser utilizado em qualquer lugar, a qualquer hora e em qualquer dispositivo. O pacote Google Docs possui um editor de texto, de apresentações, de planilhas e de formulários. O usuário pode usá-lo de forma gratuita, sem a necessidade de instalação no computador, além de ser integrado com o Google Drive, ou seja, ao utilizá-lo, seu documento já estará armazenado na nuvem, evitando o risco de perda. O Google Drive permite armazenar e organizar arquivos de forma segura e possibilitando que alunos e professores possam compartilhar informações e ter acesso por meio de qualquer dispositivo.</p>
<p>Google Sala de Aula (Classrom)</p>	<p>Também conhecido como Google Classrom, é uma ferramenta direcionada para as atividades de sala de aula. Permite que o professor, de forma simples e fácil, possa gerenciar as atividades em um ambiente virtual de aprendizagem. Com o Google Sala de Aula, o professor pode criar turmas, distribuir tarefas, avaliar atividades, atribuir notas, enviar feedbacks.</p>

Acesse o site <https://edu.google.com/intl/pt-BR> e conheça mais detalhes acerca das ferramentas do Google disponíveis para educação.

Importante destacar que essas ferramentas são gratuitas e que podem ser acessadas por diferentes tipos de dispositivos. São muitas as possibilidades de uso e de integração às atividades que o professor já desenvolve em sala de aula.

Instagram

Disputando com o **Facebook** a preferência dos usuários para as redes sociais, o Instagram vem conquistando cada vez mais espaço, por ser uma rede social voltada para informações mais instantâneas. É uma das mais conhecidas redes sociais de compartilhamento de fotos e vídeos do mundo.

Muitos professores utilizam essa rede social para divulgar vídeos curtos, como orientações e dicas de conteúdos. Os famosos “*stories*”, “*lives*” permitem uma interação direta com os seguidores e possibilita, também, a comunicação síncrona e assíncrona por meio de mensagens diretas, os “*directs*”.

Com o uso simples e fácil por meio de aparelho celular, os usuários podem criar efeitos, modificando luz, cor, inserindo molduras ou fazendo recortes e ajustes de tamanho de fotos e vídeos, o que torna o ambiente mais descontraído e atrativo, possibilitando um canal de maior interação, especialmente com o público mais jovem.

Para conhecer essa ferramenta acesse <https://www.instagram.com/>
Veja também algumas dicas do uso do Instagram em sala de aula, no site <https://desafiosdaeducacao.com.br/como-usar-instagram-em-sala-de-aula/>

Whatsapp

O Whatsapp é um software que tem por finalidade a troca de mensagens instantâneas, seja por meio de texto, de áudio ou de vídeo. Cada vez mais popular entre os usuários de aparelho celular, o Whatsapp possui um canal de interação bastante atrativo e dinâmico, por permitir que as mensagens sejam produzidas com recursos que vão além do texto verbal. Atualmente é possível trocar e compartilhar vídeos, fotos, áudios e *emoticons* (figurinhas que simbolizam momentos, objetos, estado de espírito etc.), desde que conectado à *internet*.

Recursos como alteração de status, silenciamento do aplicativo ou de um determinado grupo ou membro, por períodos selecionados pelo usuário e, em especial, criação de grupos têm se tornado uma ferramenta bastante útil no contexto educacional. Habitualmente, somos motivados à participação e até à criação de um grupo para organização de um evento, orientação de algum trabalho, discussão de um tema específico. Por se tratar de uma ferramenta bastante dinâmica e muito acessado, o Whatsapp pode ser um grande aliado nas atividades de sala de aula.

Saibas mais, acessando <https://www.whatsapp.com/>

Veja também algumas dicas do uso do Whatsapp em sala de aula no site <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/whatsapp-na-escola/67705>

skype

Ferramenta desenvolvida pela Microsoft, o **Skype** tem como função estabelecer comunicação de áudio e vídeo entre os seus usuários. No contexto educacional, o Skype pode ser um aliado dos professores, para dinamizar o processo de aprendizagem de seus alunos de forma lúdica e interativa.

Vejamos algumas possibilidades de uso do Skype como apoio das atividades de sala de aula:

- **Orientação de atividades:** o professor pode reservar um horário para atividades síncronas fora do contexto presencial, ficar *online* e ajudar os alunos para orientar atividades bem como esclarecer dúvidas de conteúdo.
- **Gravação de Vídeos:** diversos *plug-ins* do Skype permitem gravar vídeos com demonstrações, apresentações, leituras e explicações. Assim, os estudantes que faltarem a alguma aula ou que tenham dificuldades de aprendizagem podem ter esse material e estudar em casa.
- **Entrevistas com especialistas:** o professor pode convidar especialistas sobre determinado tema para enriquecer a aula. Para facilitar e não ter que trazê-lo à escola, pode agendar a apresentação ou entrevista por Skype.
- **Participações em bancas:** temos visto com muita frequência a participação de professores, geograficamente distantes, participando de bancas avaliativas. Essa realidade é mais comum nas turmas de graduação e pós-graduação.

Confira aqui algumas maneiras inteligentes de utilizar o Skype em sala de aula no link <https://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2012/08/27/961717/50-maneiras-utilizar-skype-em-sala-aula.html>

Com o Skype instalado, é possível participar de Chat e fazer compartilhamento de arquivos. Também é fácil fazer chamadas com vídeo e de voz para qualquer usuário do Skype (gratuito) e fazer chamadas com vídeo em grupo com até 10 participantes (conferências).

4 EXERCITANDO

Vamos imaginar a seguinte situação:

A nossa colega Eadite trabalha em uma escola pública. Ela é bem atualizada e acessa Facebook, Youtube e alguns blogs, todos os dias, para se informar e se divertir, mas, na escola pública Paulo Freire, onde atua como professora, a atividade docente é realizada de forma bem tradicional. Ministra apenas aulas expositivas e propõe atividades tradicionais de avaliação.

Existe até um laboratório com computadores na escola, mas só é utilizado pelos alunos para fazer pesquisas ou para jogar.

Durante as aulas, os alunos estão desestimulados, fazem muita bagunça, conversam no celular e acessam as redes sociais o tempo todo. Eadite também está desanimada, desestimulada, sem saber o que fazer.

- 1) O que você poderia sugerir à professora Eadite? Como ela poderia utilizar as ferramentas das redes sociais, que seus alunos adoram, para dinamizar suas aulas?
- 2) Apresente aqui algumas sugestões para ajudar Eadite a usar as redes sociais em sua sala de aula.

5 APROFUNDANDO CONHECIMENTO

Para conhecer uma proposta de uso de algumas dessas ferramentas em sala de aula, indicamos a leitura do artigo *Novas tecnologias da comunicação como ferramenta educacional: facebook, skype e blog no ensino interdisciplinar da literatura*, escrito por Cristina Rothier Duarte, Maria Betania Dantas, Mônica Cely e Monica Maria Pereira, publicado no livro *Interfaces entre literatura, língua e sequência didática: experiências, reflexões e propostas*, pela Paco Editorial.

6 TROCANDO EM MIÚDOS

Inicialmente, discutimos um pouco sobre o uso das tecnologias no contexto educacional a distância, em especial o Ambiente Virtual de Aprendizagem. Na sequência, discutimos também os usos das Tecnologias da Informação e da Comunicação no ambiente escolar presencial e também a distância. Falamos um pouco sobre o Ensino Híbrido e a metodologia denominada de Sala de Aula Invertida.

Apresentamos algumas ferramentas e softwares utilizados no contexto escolar como, por exemplo, as redes sociais, as ferramentas do Google para educação, ferramentas para comunicação como Whatsapp e Skype.

Diante de tanta diversidade de ferramentas disponíveis no universo digital, percebemos que os itens apresentados neste capítulo não se limitam por si só; há muitos outros a serem explorados. Aqui vimos apenas uma pequena amostra das tecnologias a serviço da educação.



REFERÊNCIAS

DUARTE, Cristina Rothier *et al.* 12. Novas tecnologias da comunicação como ferramenta educacional: *facebook*, *skype* e blog no ensino interdisciplinar da literatura. In: SOUSA, Ivan Vale de (org.). **Interfaces entre literatura, língua e sequência didática**: experiências, reflexões e propostas. v. 46. 1. ed. (Série Estudos Reunidos). Jundiaí: Paco Editorial, 2018. p. 193-207.

GOMES, L. F. Redes sociais e escola: o que temos que aprender? *In.*: Araújo, J.; Leffa, V. **Redes Sociais e ensino de línguas** – o que temos de aprender? São Paulo: Parábola. 2015. P. 81-92.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina. 2009.

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

■ Os Ambientes (Virtuais) de Aprendizagem

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Conhecer, brevemente, o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA e o campo de atuação do design instrucional;
- Conhecer uma proposta de métrica para um curso em um Ambiente Virtual de Aprendizagem.

APRESENTAÇÃO



Vamos, neste capítulo, falar sobre o Ambiente Virtual da Aprendizagem - AVA. Mesmo que de forma breve, vamos apresentar algumas questões que consideramos relevantes para a nossa disciplina de Fundamentos da Educação a Distância.

Para começar, vamos observar o que os amigos Tico e Tino estão conversando na charge abaixo!

Figura 1



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Bem, pelo que vimos até agora, a Educação a Distância traz muitas oportunidades de dar aula, mas, de uma coisa não temos dúvida, não é o jeito mais fácil, não é verdade? Pelo que podemos observar na charge, Tico e Tino já constataram isso!

Contudo, não tem para que se desesperar! Um bom planejamento e uma sala virtual organizada de forma a atender às especificidades de um curso a distância são determinantes para que tudo corra bem, afinal, o imprevisto na EaD é um risco muito elevado!

2 TECENDO CONHECIMENTO

Chegamos até aqui com muitas questões e reflexões levantadas acerca da Educação a Distância. Este é o momento de trazer para pauta um dos pontos mais relevantes dessa modalidade de ensino: o ambiente em que o contexto educacional se configura.

No capítulo 2, vimos que um dos princípios determinantes para o desenvolvimento de um curso a distância se pauta na **interação**. Segundo Silva (2016, p. 33),

a EaD possibilita, ou deve possibilitar, a interação entre os atores do processo de aprendizagem nas diferentes formas em que o uso das tecnologias da informação e comunicação permite. Essa mediação acontece, em especial, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Vamos, então, falar especificamente sobre o Ambiente Virtual de Aprendizagem? Com o crescimento dos muitos modelos de cursos ofertados por meio das tecnologias, surge, também, a necessidade de se ampliar e de se aprimorar o meio em que o espaço educacional é desenvolvido. Por essa razão, atualmente, reconhecemos um crescimento exponencial do uso dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem para os cursos que desenvolvem atividades *online*: cursos a distância, presenciais, corporativos e cursos livres.

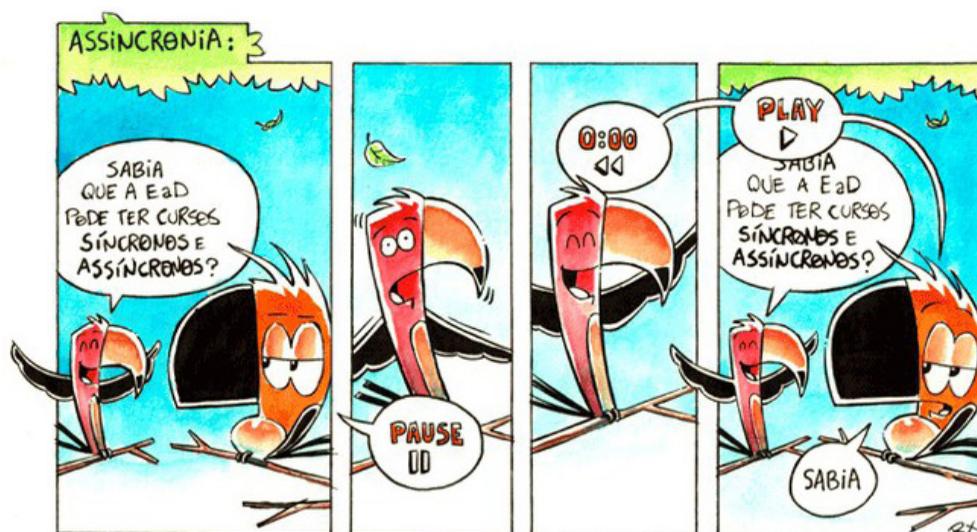
No capítulo 5, apresentamos algumas ferramentas e *softwares* utilizados no contexto educacional. É importante destacar, contudo, que tais softwares e ferramentas, ainda que utilizados para práticas pedagógicas, não são considerados AVA. Compreende-se como Ambiente Virtual de Aprendizagem os *softwares* desenvolvidos especialmente para fins educacionais.

O processo de interação no AVA acontece de duas formas:

- **síncrona** – interação em que os envolvidos trocam informações ao mesmo tempo como, por exemplo, videoconferência, *chats*;
- **assíncrona** – quando a interação acontece em tempos diferentes, a exemplo do fórum ou envio de arquivos.



Figura 2



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Seja nessa ou naquela forma de mediação, é no AVA que o processo de aprendizagem se efetiva nas diferentes possibilidades de interação entre cursistas e professores. Neste sentido, destacamos o fato de que são as atividades síncronas ou assíncronas que promovem a interação, base fundamental em um curso a distância.

Outro fator importante que devemos colocar em lugar de destaque nesse contexto virtual de aprendizagem é o **material didático** utilizado para o desenvolvimento do curso. Segundo Silva (2016, p. 33), a interação, possibilitada pelo material didático, subsidia a aprendizagem, a compreensão e a interação no ambiente virtual, uma vez que o material didático é, muitas vezes, único instrumento de apresentação de conteúdo para o estudante, seja no ambiente virtual, seja como material impresso.

Ainda nesse viés da interação, destacamos um ponto crucial: no processo de ensino e de aprendizagem, para que o conhecimento seja construído pelo aluno, ele deve ser o protagonista e o professor o agente de mediação, tendo a interação como alicerce dessa relação. Dessa forma, não teremos um ambiente de ensino, mas teremos um ambiente de aprendizagem (mesmo que virtual) no qual o professor não se coloca como único detentor do saber.

Reconhecidamente, sabemos que Paulo Freire criticava esse modelo de educação – em que o aluno não participa e o professor apenas transfere informações –, o qual

intitulava de “Educação Bancária”, porque os conteúdos eram automaticamente desligados da situação existencial do aluno. Vocês podem se perguntar: esse tipo de educação pode acontecer na EaD, visto que ela é baseada no princípio da autonomia e da interação, como vimos no capítulo 2? Tentando responder a essa pergunta, vamos imaginar que o professor poste o material das aulas em um arquivo somente no formato .pdf, na sala virtual, para que os alunos o leiam e respondam a um questionário de correção automática, por exemplo, e não há interação entre os participantes para discutirem o assunto por meio de ferramentas como, por exemplo, fórum, webaulas ou *chats*. Em tal situação, podemos inferir que essa aula será ministrada em um ambiente de ensino e, não, de aprendizagem.

Você pode levantar o seguinte questionamento: o Ambiente Virtual de Aprendizagem é exclusivo para cursos na modalidade a distância? Apesar de o AVA fazer cada vez mais parte do ensino presencial, foi a EaD que consagrou esse novo jeito de fazer educação.

A percepção de que educação online e EaD são a mesma coisa vem sendo gradativamente desconstruída, pois o uso da internet para fins educacionais tem crescido muito em cursos presenciais, seja como ferramenta complementar ou como parte integrante da carga horária abordando assuntos que não são trabalhados presencialmente nas salas de aula (Silva, 2015, p. 49).

O percurso histórico pelo qual a EaD passou faz-nos perceber que a adesão aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem se dá em função da necessidade de se encurtarem distâncias; de se democratizarem os cursos de formação inicial e continuada; de se oportunizar a oferta de cursos que capacitem um maior número de pessoas para atender ao mercado de trabalho; da ampliação de universidades em todo o território nacional; do advento da tecnologia da informação e da comunicação no contexto educacional. Somam-se a esses pontos as especificidades de cada contexto.

Por essa razão, não são poucas as razões pelas quais as ferramentas que compõem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem ganham cada vez mais adeptos, seja no ensino presencial, seja na EaD.

2.1 Designer Instrucional

O design instrucional surgiu a partir das demandas da ascensão da EaD, nos Estados Unidos, no final da primeira metade do século XX, como já visto no primeiro capítulo deste livro. O profissional que atuava como designer instrucional tinha por objetivo desenhar uma melhor forma de ofertar cursos que atendessem às necessidades do mercado de trabalho, cada vez mais complexas.

Atualmente, o Design Instrucional, também conhecido como DI, tem se tornado quase indispensável quando se pensa em planejar, desenhar, executar um curso na modalidade a distância. É certo que, para um curso alcançar os seus objetivos de forma mais eficiente, é preciso se adaptar ao meio em que ele será inserido. O designer instrucional deve saber quais as melhores ferramentas e estratégias para se apresentar determinado conteúdo, reconhecendo a natureza e as especificidades do curso de modo geral.

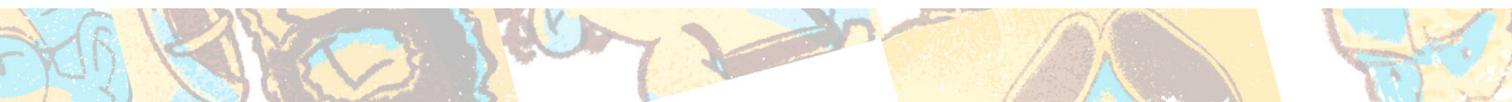
Em razão do crescimento da Educação a Distância no cenário nacional, as demandas de trabalho para esse profissional têm se apresentado de forma muito mais acentuada e com maior relevância para o contexto educacional, seja de formação, seja no mercado corporativo.

Uma aula planejada para uma turma presencial não pode ser ministrada da mesma forma em um curso a distância. A transposição didática, a linguagem empregada, as estratégias de ensino são diferentes. Por isso, esse profissional deve ter um conhecimento amplo não só da área pedagógica bem como das ferramentas da informação e da comunicação que podem ser inseridas no contexto de aula, especialmente em um Ambiente Virtual de Aprendizagem.

2.2 Proposta de métrica para um curso em um Ambiente Virtual de Aprendizagem

Muitas são as estratégias, os parâmetros para se desenhar um curso em um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Como ponto de partida para o entendimento de como funciona esse planejamento, vamos, então, conhecer uma proposta de métrica para um curso ser ofertado em um AVA. Neste capítulo, não temos a pretensão de esgotar essas possibilidades, mas apresentar noções básicas para que você possa refletir sobre o caminho que se percorre até se chegar a uma sala de aula virtual.

Inicialmente, seja qual for a modalidade de ensino, a distância ou presencial, é indispensável que a carga horária seja o primeiro parâmetro para se planejar a



disciplina. A definição de carga horária para cada disciplina é ponto bastante sensível e ainda em discussão, pois ainda se tenta estabelecer equivalência entre as duas modalidades de ensino. Ainda que não se tenha uma definição clara, partiremos das experiências e reflexões trazidas até o momento.

A proposta apresentada neste capítulo faz parte da experiência nos cursos EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, especificamente no curso de Licenciatura em Letras¹.

Para conduzir o planejamento, consideramos os seguintes parâmetros para organização da sala virtual:

- 1) distribuir a carga horária da disciplina em uma relação de 4 horas presenciais para 1 aula/tópico/semana a distância;
- 2) considerar que o aluno precisa de 1 hora de estudo² para cada 2 páginas do material didático elaborado;
- 3) definir que o material didático deve ter entre 8 e 10 páginas para cada aula/tópico.

Figura 3 – Métrica para divisão de carga horária



Fonte: Autoria própria

A partir desses parâmetros, já temos um direcionamento para conseguir dimensionar e parametrizar um curso.

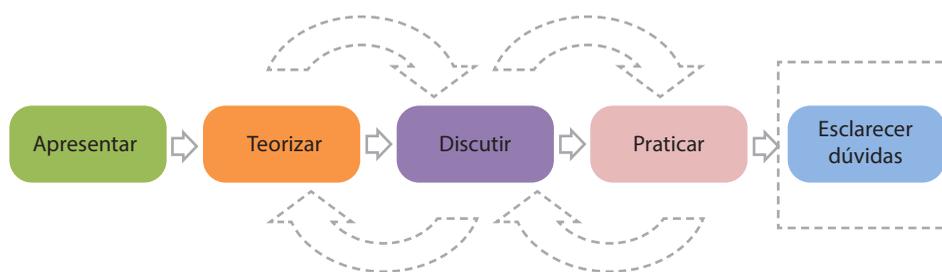
1 Essa proposta metodológica foi objeto de estudo na pesquisa de doutorado realizada por Silva (2016), intitulada **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância**: um olhar para os recursos multimodais. UFPB, João Pessoa, 2016a. Atualmente, a autora assina como Monica Maria Firmino Pereira Seixas.

2 Entendemos que o termo estudo não somente contempla a leitura do material didático como também as demais atividades relacionadas ao conteúdo como, por exemplo, atividades, indicações para reflexões, leituras complementares, participação nos fóruns de discussão.

Depois de definida a carga horária da disciplina ou do curso e distribuído o conteúdo pelo tempo de duração, é possível desenhar o modelo instrucional a ser seguido de acordo com o projeto didático-pedagógico do curso.

Antes de começar a editar o Ambiente Virtual de Aprendizagem, precisamos levar em consideração que um ambiente educacional, mesmo que seja na modalidade a distância, deve, segundo Silva (2016), oportunizar aos estudantes e professores espaços e momentos que permitam que o conteúdo seja apresentado, teorizado, discutido, praticado; é necessário que as dúvidas sejam esclarecidas. Para tanto, apresentamos a figura abaixo que esquematiza esse desencadeamento metodológico:

Figura 4 – Desencadeamento metodológico



Fonte: Silva (2016).

Observemos que esse desencadeamento não é linear. Assim como no ensino presencial, é possível que o professor inicie sua aula a partir de uma experiência prática, ou da exibição de um filme, por exemplo, e que essas experiências gerem uma discussão para que, enfim, seja teorizado o conteúdo. O mesmo pode acontecer na EaD. Ao apresentar tais informações que contemplem cada um desses itens, o aluno pode transitar de forma não linear nas ferramentas e informações apresentadas.

Como já questionado anteriormente, só existe essa forma de organizar uma disciplina no AVA? Afirmamos que não. Certamente, se você já atuou na EaD, perceberá que há outros modelos ou projetos instrucionais. Outros cursos apresentam disciplinas organizadas de forma modular, podendo ser em módulos quinzenais ou mensais, ou disponibilizam todo o conteúdo, completo, logo no início da disciplina, permitindo que o aluno inicie por qualquer conteúdo, entre outros modelos.

Por fim, ao final deste sexto capítulo, podemos concluir que, na EaD, há vários atores envolvidos e que é no Ambiente Virtual de Aprendizagem que o processo de interação se materializa, fator determinante para a construção do conhecimento.

3 EXERCITANDO

Depois de refletir sobre o que foi exposto até aqui, em especial sobre a construção de uma sala de aula no Ambiente Virtual de Aprendizagem, vamos responder aos seguintes questionamentos:

- 1) você conhecia a diferença entre as atividades síncronas e assíncronas em um AVA?
- 2) já havia percebido a importância do princípio da interação em um AVA?
- 3) já havia pensando em como funciona a métrica de um curso na EaD?



4 APROFUNDANDO SEU CONHECIMENTO

Como leitura complementar, sugerimos o livro **Ambientes Virtuais e Multiplataformas Online na EaD**: didática e design tecnológico de cursos digitais, de Robson Santos da Silva, publicado pela Novatec, São Paulo, 2015.

5 RESUMINDO A AULA

Inicialmente, discutimos, mesmo que de forma breve, especificamente sobre o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, apresentando algumas questões que consideramos relevantes para a compreensão do que seriam os Fundamentos da Educação a Distância.

Trouxemos uma especificidade para o campo educacional da EaD: a presença do profissional de design instrucional. Vimos que esse profissional deve ter conhecimento amplo não só da área pedagógica bem como das ferramentas da informação e da comunicação que podem ser inseridas no contexto de aula, especialmente em um Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Na sequência, apresentamos uma proposta de métrica para um curso em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, parte da experiência nos cursos EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, especificamente no curso Licenciatura em Letras.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de; OUVÉNEY-KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (org.). **Educação a distância**: educação, prática e formação docente. João Pessoa: IFPB, 2016b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1996].

SANTOS, Fernando de Almeida; ORTIZ, Felipe Chibas. **Gestão da Educação a Distância**: comunicação, desafios e estratégias. São Paulo: Atlas, 2015.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância**: um olhar para os recursos multimodais. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016.

SILVA, Robson Santos da. **Ambientes Virtuais e Multiplataformas Online na EaD**: didática e design tecnológico de cursos digitais. São Paulo: Novatec, 2015.

Fundamentos da Educação a Distância

Mônica Maria Firmino Pereira Seixas

■ Fundamentos e utilização do Moodle

1 OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Conhecer, brevemente, os fundamentos do Moodle.
- Aprender noções básicas de funcionamento e utilização do Moodle.

APRESENTAÇÃO

Certamente você já está bem familiarizado com o Ambiente Virtual da Aprendizagem que exploramos neste livro – o Moodle. Afinal, para desenvolver nosso letramento digital, nada melhor do que a utilização da ferramenta digital. Contudo, acreditamos que há alguns detalhes importantes que devem ser vistos com um pouco mais de detalhes.

Neste último capítulo, apresentaremos, brevemente, os fundamentos do Moodle e temos por objetivo principal aprender noções básicas de funcionamento e utilização do Moodle.

Para começar, vamos observar, de novo, o diálogo entre os amigos Tico e Tino?

Figura 1



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Parece que o Tico está querendo uma desculpinha para não acessar o Moodle! O amigo Tino está mais antenado e já sabe que é possível acessar o Moodle, também, pelos dispositivos móveis. Pois é... O Moodle é um Ambiente Virtual de Aprendizagem disponível para diferentes plataformas. Com isso, entendemos que o princípio da flexibilização é posto em evidência no desenvolvimento das atividades pedagógicas por meio desse AVA.

Vamos, então, conhecer um pouco mais sobre o Moodle?

2 TECENDO CONHECIMENTO

Chegou a hora de conhecer um pouco sobre os fundamentos e as funcionalidades do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle.

Vimos, no capítulo 6, que o Ambiente Virtual de aprendizagem é um software projetado especialmente para as demandas e especificidades do contexto educacional. De acordo com Rostas e Rostas (2009, p. 139), o “ambiente virtual de aprendizagem, que representa a sala de aula on-line, é um conjunto de interfaces, ferramentas e estruturas decisivas para a construção da interatividade e da aprendizagem”.

Em linhas gerais, podemos inferir que, se na Educação Presencial temos uma sala com quadro, cadeiras e toda uma estrutura de uma sala de aula física, onde o professor encontra os seus alunos e ministra as suas aulas, na EaD, a sala de aula possui interfaces próprias, ou seja, a forma como ocorre a comunicação entre os envolvidos que fazem parte desse contexto acontece por meio de várias ferramentas, por exemplo: fóruns, chats, webaulas etc., e infraestruturas físicas e tecnológicas, como frequência e qualidade dos dados, entre outros fatores que possibilitam o desenvolvimento pedagógico da aula, bem como o gerenciamento de atividades e notas.

No Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba, o AVA que utilizamos é o Moodle. E o que é isso? De acordo com Silva (2017, p. 12), o

Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é um dos ambientes virtuais mais utilizados no mundo para dar suporte à aprendizagem a distância. Esse ambiente nasceu no ano de 2001, tendo como idealizador Martin Dougiamas. É um ambiente desenvolvido atendendo às liberdades do software livre, contando com desenvolvimento colaborativo. Dessa forma, pode ser adaptado para as necessidades específicas de quem deseja utilizá-lo como suporte para cursos em EaD.

O Moodle é um dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem mais adotados no Brasil, especialmente pelas instituições públicas de ensino. Muito disso se dá pelo fato de esse AVA ser gratuito, colaborativo, intuitivo e interativo, de forma que pode ser adaptado pela instituição, de acordo com o formato e com os objetivos do curso que pretende ofertar.



2.1 O Design Instrucional do Moodle no IFPB

Neste capítulo, vamos apresentar o desenho instrucional adotado pelo IFPB em seus cursos. Destacamos que esse não é um modelo rígido, engessado, pois cada curso apresenta demandas diferentes, o que exige um olhar ...para atender a suas necessidades didático-pedagógicas.

Por ser um sistema aberto e permitir muitas customizações, cada instituição pode definir alguns aspectos operacionais para a organização de uma sala virtual no Moodle. Se você utilizou o Moodle em outra oportunidade, perceberá que, embora tenha características similares, cada instituição possui sua identidade na organização das salas virtuais.

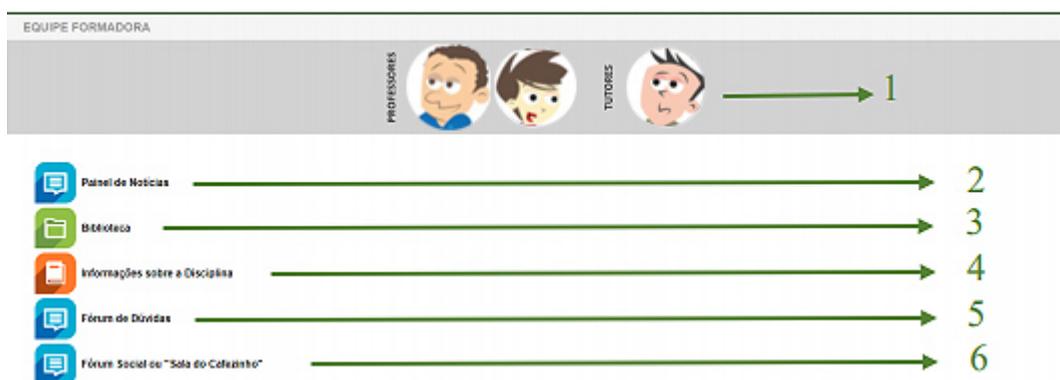
Pensando em construir um espaço que permita ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem e, sobretudo, que oportunize um canal de interação entre professores, tutores e estudantes, o IFPB sistematizou um modelo instrucional que é seguido para a organização da sua sala de aula no Ambiente Virtual de Aprendizagem – o Moodle.

Todos os detalhes apresentados a seguir foram pensados com o objetivo de criar a identidade metodológica e visual dos cursos no IFPB, de modo a oferecer ao estudante um espaço para trocar conhecimentos e nortear a caminhada na sua formação.

2.2 Tela de apresentação da unidade curricular

Na tela abaixo, estão dispostos os recursos permanentes com as informações gerais da unidade curricular.

Figura 2A – Apresentação da equipe formadora e recursos permanentes



Fonte: Autoria própria.

Figura 2B – Descrição dos itens da Figura 2A

ITEM	RECURSO	FINALIDADE
1	Foto	Identificar os professores responsáveis pela disciplina.
2	Painel de Notícias	Disponibilizar avisos gerais da disciplina, informações sobre eventos: congressos, simpósios.
3	Biblioteca	Disponibilizar o material didático e complementar do curso.
4	Informação sobre a disciplina	Apresentar informações gerais da disciplina: ementa, sistema de avaliação, objetivos, cronograma, referências bibliográficas.
5	Fórum de dúvidas	Esclarecer dúvidas gerais da disciplina.
6	Fórum Social ou “Sala do cafezinho”	Possibilitar a interação social entre alunos, professores e tutores.

Fonte: Autoria própria.

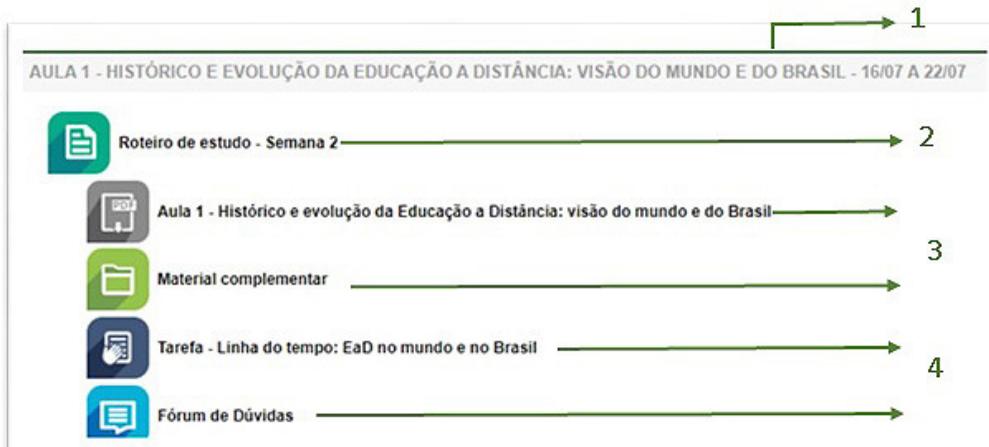
Na sequência, conheceremos o desenho instrucional para cada aula/tópico desenvolvido em uma unidade curricular.

2.3 Tópicos de aula

As aulas do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua Para Surdos são organizadas em tópicos, distribuídos de acordo com a carga horária da unidade curricular. Por exemplo, a disciplina, Fundamentos da EaD, possui 30 horas distribuídas em 7 aulas.

Vejamos, a seguir, como cada aula/tópico é organizado para o período de uma semana.

Figura 3A – Organização de uma aula



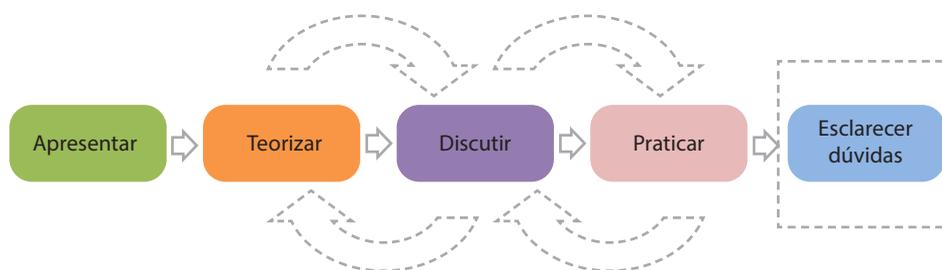
Fonte: Autoria própria.

Figura 3B – Descrição dos itens da Figura 3A

ITEM	RECURSO	FINALIDADE
1	Título	Identificar a aula com a numeração específica da aula, título e período em que será ministrada.
2	Roteiro	Apresentar o roteiro do que será desenvolvido na semana: material de estudo; objetivos da semana; atividade(s) da semana; critérios de avaliação; período.
3	Material didático	Disponibilizar o material didático produzido especificamente para o curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos
4	Material Complementar	Disponibilizar o material complementar indicado na aula. Obs.: quando o arquivo digital for disponibilizado na web.
5	Tarefa	Disponibilizar um instrumento para verificação da aprendizagem do conteúdo desenvolvido na aula. As atividades podem variar em: tarefa, envio de arquivo único, texto on-line, questionário, fórum, glossário, wiki, entre outros.
6	Fórum de dúvidas	Esclarecer dúvidas específicas do aula

Fonte: Autoria própria.

Cada um desses itens foi pensado de forma a atender ao desencadeamento metodológico apresentado na Figura 4, discutido no capítulo 6 deste livro, que a seguir reapresentamos com a mesma identificação. Dessa forma, cada um desses itens tem uma função específica para melhor conduzir a prática pedagógica e permitir que o aluno desenvolva os princípios da EaD, em especial o da autonomia.



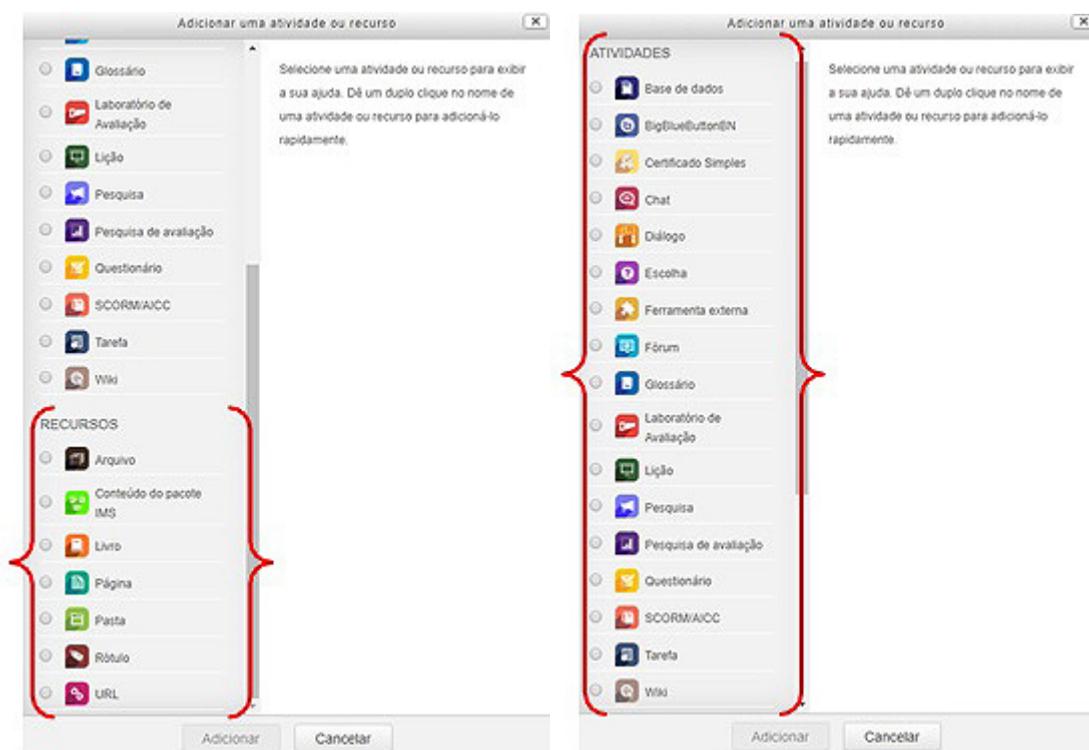
Fonte: Autoria própria.

2.4 Recursos e as atividades disponibilizados pelo Moodle

Como já foi dito neste capítulo, o Moodle permite customizar o ambiente de acordo com as necessidades e com os objetivos de cada curso. Para isso, esse AVA dispõe de um pacote de ferramentas que oferece uma variedade de aplicações para recursos e atividades necessários para a condução de curso na EaD.

Vejamos, a seguir, esses recursos e atividades possíveis com o Moodle;

Figura 4 – Recursos e as atividades disponibilizados pelo Moodle



Fonte: Autoria própria.

Observe que há um número considerável de atividades e recursos, mas que, normalmente, não são todos utilizados em uma sala virtual. A escolha por uma atividade ou recurso está diretamente relacionada aos objetivos e aplicabilidade em um curso ou disciplina.

As atividades *online* estão categorizadas como individuais (tarefas, questionários) e colaborativas (fóruns, wiki). Em geral, utilizam-se as tarefas, questionários e fóruns.

a) Tarefa

O módulo tarefa permite que um professor organize uma atividade com envio de arquivo ou mesmo uma resposta curta em uma caixa de texto, diretamente no Moodle. É possível que o professor emita comentário de feedback, além de fazer upload de arquivos, como marcar apresentações dos estudantes, documentos com comentários ou feedback de áudio e atribua nota à avaliação.

O estudante pode inserir arquivos digitais como, por exemplo, documentos de texto, planilhas, imagens, áudio e vídeos. O estudante pode submeter trabalhos, individualmente ou como membro de um grupo. Dessa forma, pode ser configurada como atividade individual ou colaborativa. Vejamos os dois tipos de tarefa: texto online e Envios de arquivo.

Figura 5 – Tipos de envio

▼ Tipos de envio

Tipos de envio Texto online Envios de arquivo

Limite de palavras Habilitar

Número máximo de arquivos enviados

Tamanho máximo do envio

- **Texto online:** o estudante posta sua atividade diretamente no navegador, sem que seja anexado nenhum arquivo.
- **Envios de arquivo:** o estudante deve anexar um arquivo de texto com a atividade.

b) Questionário

O Questionário é uma atividade essencialmente individual. Permite criar e configurar questionários com questões de vários tipos como, por exemplo, verdadeiro ou falso, múltipla escolha, correspondência, resposta curta, entre outras. Além disso, permite ser configurado para múltiplas tentativas, com questões embaralhadas ou selecionadas aleatoriamente de uma categoria do banco de questões.

Cada tentativa é corrigida automaticamente, com exceção das questões dissertativas. Estas são avaliadas individualmente pelo professor formador ou

tutor. A nota do questionário só é exibida no quadro de notas quando todas as questões são avaliadas.

c) Fórum

O Fórum é uma atividade essencialmente colaborativa. O módulo de atividade fórum permite que participantes tenham discussões assíncronas, ou seja, discussões que acontecem durante um longo período de tempo. Vejamos os tipos de fóruns que o Moodle oferece:

- **discussão simples:** fórum com único tópico em uma única página. É utilizado, normalmente, para organizar discussões breves e com um único tema.
- **fórum geral:** qualquer um pode iniciar uma discussão a qualquer momento; todos os participantes podem iniciar um novo tópico de discussão quando quiserem.
- **cada usuário inicia apenas um novo tópico:** cada participante pode abrir apenas um novo tópico de discussão, no entanto todos podem responder livremente às mensagens dos demais participantes do fórum. Uma funcionalidade interessante, por exemplo, para as atividades em que cada participante apresenta um tema a ser discutido e atua como moderador da discussão.
- **fórum de perguntas e respostas:** estudantes devem primeiro fazer uma postagem para, então, serem autorizados a visualizar os demais comentários e postagens de outros participantes. Essa funcionalidade permite que a primeira mensagem de cada estudante seja original e independente.

Como podemos observar, o fórum, com as suas muitas possibilidades, é uma das ferramentas mais utilizadas como canal de interação entre os participantes de um curso na modalidade a distância. O uso de um ou outro tipo depende da estratégia de ensino escolhida pelo professor para o conteúdo que está ministrando.

3 EXERCITANDO

Vamos analisar a charge abaixo:



Fonte: <http://www.ifpb.edu.br/ead/assuntos/charges>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Depois de refletir sobre o que foi exposto até aqui, em especial sobre a função de um Ambiente Virtual de Aprendizagem, vamos responder aos seguintes questionamentos:

- 1) De fato, é possível fazer “tudo” pela EaD? Apresente argumentos para sua opinião.
- 2) Como as relações sociais são estabelecidas pelo Ambiente Virtual da Aprendizagem?
- 3) Você já ouviu falar sobre civilidade digital? Como as relações devem ser estabelecidas em um AVA?

DICA: Aproveite a oportunidade e pesquise um pouco sobre **civilidade digital!** Esse é um tema importante para ser debatido nas escolas!

4 APROFUNDANDO SEU CONHECIMENTO

Como leitura complementar, sugerimos o artigo **O ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem**: uma questão de comunicação, publicado por Márcia Helena Sauáia Guimarães Rostas e Guilherme Ribeiro Rostas. Disponível no link <http://books.scielo.org/id/px29p/pdf/soto-9788579830174-08.pdf>.

5 RESUMINDO O CAPÍTULO

No primeiro momento, conceituamos e conhecemos um pouco sobre os fundamentos e as funcionalidades do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle. Assim como no capítulo 6, vimos que Ambiente Virtual de Aprendizagem, em destaque para o Moodle, é um software projetado especialmente para as demandas e especificidades do contexto educacional.

Na sequência, vimos o design instrucional da sala virtual da nossa disciplina. Destacamos que esse não é um modelo rígido, engessado, pois cada curso apresenta demandas diferentes, o que necessita de um olhar especial e ajustes necessários para atender às necessidades da natureza de cada curso.

Por fim, conhecemos algumas ferramentas e recursos disponibilizados pelo Moodle e utilizados no DI do nosso curso de Especialização.



REFERÊNCIAS

ROSTAS, Márcia Helena Sauáia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. **O ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) como ferramenta auxiliar no processo ensino- aprendizagem:** uma questão de comunicação. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/px29p/pdf/soto-9788579830174-08.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância:** um olhar para os recursos multimodais. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016.

SILVA, Robson Santos da. **Ambientes Virtuais e Multiplataformas Online na EaD:** didática e design tecnológico de cursos digitais. São Paulo: Novatec, 2015.

Referências

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2017. Curitiba: InterSaberes, 2018.

ALMEIDA, Danielle Lins Barbosa de. **A perspectiva do material didático para a EaD**: reflexão a partir da prática no curso de Licenciatura em Letras do IFPB. *In*: Educação a distância: educação, prática e formação docente. ARAÚJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de; OOVERNEY- KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (org.). – João Pessoa: IFPB, 2016b.

ARAÚJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de; OOVERNEY- KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (org.). **Educação a distância**: educação, prática e formação docente. João Pessoa: IFPB, 2016b.

BEHAR, Patricia Alejandra *et al.* **Competências**: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/13912/7819>. Acesso em: 21 nov. 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para o ensino Superior a Distância**. Brasília, 2007.

CORRÊA, Juliane. O cenário atual da educação a distância. *In*: SENAC. **Curso de especialização a distância**. E-Book. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. (CDROM).

DUARTE, Cristina Rothier *et al.* 12. Novas tecnologias da comunicação como ferramenta educacional: facebook, skype e blog no ensino interdisciplinar da literatura. *In*: SOUSA, Ivan Vale de (org.). **Interfaces entre literatura, língua e sequência didática**: experiências, reflexões e propostas. v. 46. 1. ed. (Série Estudos Reunidos). Jundiaí: Paco Editorial, 2018. p. 193-207.

FELDER, R. M.; SILVERMAN, L. K. Learning and teaching styles in Engineering Education. Presented at the 1987 **Annual Meeting of the American Institute of Chemical Engineers**, New York, N. Y., nov 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1996].

GOMES, L. F. Redes sociais e escola: o que temos que aprender? *In*: Araújo, J.; Leffa, V. **Redes Sociais e ensino de línguas** – o que temos de aprender? São Paulo: Parábola. 2015. P. 81-92.

MORAN, José Manuel. **O que é Educação a Distância**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, Monica Maria Pereira da. Material didático impresso de curso de licenciatura a distância: um olhar para os recursos multimodais. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina. 2009.

ROSTAS, Márcia Helena Sauáia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. **O ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) como ferramenta auxiliar no processo ensino- aprendizagem**: uma

questão de comunicação. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/px29p/pdf/soto-9788579830174-08.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SANTOS, Fernando de Almeida; ORTIZ, Felipe Chibas. **Gestão da Educação a Distância**: comunicação, desafios e estratégias. São Paulo: Atlas, 2015.

SILVA, Monica Maria Pereira da; ALMEIDA, Danielle Lins Barbosa de. **A perspectiva do material didático para a EaD**: reflexão a partir da prática no curso de Licenciatura em Letras do IFPB. *In*: Educação a distância: educação, prática e formação docente. ARAÚJO, Gertrudes Hellena Cavalcante de; OUVÉNEY-KING, Janylle Rebouças; LEITÃO, Liane Velloso (org.). – João Pessoa: IFPB, 2016b.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Material didático impresso de curso de licenciatura a distância**: um olhar para os recursos multimodais. Tese (Doutorado em Linguística) – UFPB, João Pessoa, 2016.

SILVA, Robson Santos da. **Ambientes Virtuais e Multiplataformas Online na EaD**: didática e design tecnológico de cursos digitais. São Paulo: Novatec, 2015.

Você já teve alguma experiência com Educação a Distância? Se sua resposta for não, você vai perceber, ao longo deste material, que a EaD, nas suas muitas possibilidades, já fez parte do seu aprendizado formal ou informal. Ao longo da história, verificamos que sempre houve necessidade para se ensinar algo que não fosse no contexto presencial. Você concorda? Então, pensando de uma forma mais ampla, além da educação formal e regular, quem nunca recorreu a Internet para aprender algo?

Nessa perspectiva, podemos compreender que o processo de aprender algo por meio das tecnologias, sejam elas digitais ou não, faz parte no nosso contexto nas mais diversas situações do cotidiano.

A partir da facilidade de acesso aos computadores e celulares, destaque para os smartphones, e do advento da Internet, a EaD conquistou um espaço de existência no ambiente educacional e vem sendo alvo de constante transformação e adesão. Qual seria, então, o grande diferencial da EaD? Pois bem, arriscamos dizer que se trata da democratização do ensino.

Por isso, entendemos que a Educação a Distância é uma forma de oportunizar a democratização do ensino, ampliando a oferta de cursos para estudantes que não estão geograficamente mais próximos dos grandes centros urbanos bem como possibilitando a oferta de cursos diversificados e coerentes com as necessidades e demandas sociais.

